

**COGEAE  
PUC**

**Fábia Rímoli.**

**FORJAR, O ANALISTA INTERFERE NA FLOR JÁ SABIDA.**



Trabalho apresentado ao COGEAE - PUC-SP para obtenção do certificado de especialização na Abordagem Junguiana.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Ruth Gonçalves Pereira.**

**São Paulo  
2000**

***À ressurreição em vida.***

***À Iracema, do mundo visível e do mundo invisível.***

***Minha gratidão,***

***à Maria Ruth Gonçalves Pereira,  
por ter comungado comigo;***

***aos clientes que  
estiveram comigo, além da forja;***

***à Francisco de Assis Rímoli, que me incentivou,  
me apoiou e me assistiu, durante toda esta caminhada;***

***à Hygina C. C. Rímoli, que pediu sabedoria e  
clarividência para a realização deste trajeto;***

***ao Flávio, pela irmandade;***

***aos ternos e eternos companheiros  
desta jornada: Diva, Edson, Elenita;***

***aos amigos que me acompanharam.***

**DEDICANDO:**

***Maria Ruth,***

***morte, transcende***

***Noely,***

***a flor,***

***Durval,***

***a flor já sabida,***

***Heloísa,***

***resgatada.***

*Vem cá.  
Vamos tomar café  
e fazer sonhos.  
Um aquece  
e o outro  
leva a tristeza embora.*

## SUMÁRIO.

Este trabalho é fundamentalmente um percurso teórico-vivencial, passa pela relação transferencial, pelo espaço propício para receber o outro e pela reação contratransferencial.

Fatos concretos, cenas da realidade, imagens do mundo manifesto são focalizados pela Psicologia Analítica. Poemas, letras de canções, o conto, com símbolos arquetípicos, da Autora - *Como fazer sonhos.*, preexistente a este trabalho, ampliam e presentificam a teoria de Carl Gustav Jung. Falas de pacientes, relatos de ouvintes e a própria experiência da Autora são também percorridos em leitura simbólica.

Tudo em busca da essência, transcendendo uma visão unilateral e temporal para abranger a totalidade.

A relação transferencial e contratransferencial é o fulcro do trabalho. Estuda-se o analista frente ao paciente: o buscar criativamente a essência deste e o forjar coniventemente uma relação; o favorecimento do encontro com a própria essência e o descaminho para o desencontro.

## ÍNDICE.

INTRODUÇÃO. ....	09
I. ABORDAGEM SIMBÓLICA. ....	15
Imagens. ....	17
Unidade. ....	18
Polaridades em relação. ....	20
Transcendência. ....	21
II. FUNÇÃO ESTRUTURANTE E DESESTRUTURANTE DO SÍMBOLO. ....	24
III. TRANSFERÊNCIA. ....	27
Transferência segundo a Psicologia Analítica. ....	27
Transferência na Relação Terapêutica. ....	41
IV. CONTRATRANSFERÊNCIA. ....	49
V. O SIGNIFICADO DA CURA NA RELAÇÃO TRANSFERENCIAL. ....	63
A imagem arquetípica do médico ferido. ....	63
As polaridades saúde/doença. ....	66
VI. IMAGINAR É REALIDADE. ....	71
VII. SÍMBOLOS E SIGNIFICADOS. ....	80
O Fogo. ....	80
A Montanha. ....	82
A Onça. ....	83
A Pedra. ....	84
O Tarô. ....	86
VIII. A REALIDADE LIMITA, AS IMAGENS DO SONHO PERMITEM. ....	89
<i>Como fazer Sonhos.</i> ....	89
O Eu diante do Coletivo. ....	94
Anima/Animus, apresentam a alma. ....	97
IX. O ENCONTRO DA FLOR JÁ SABIDA. ....	101
O convite para o Encontro. ....	102
O Eu diante do Outro Eu. ....	106
O Eu diante de Mim. ....	107
Aquecendo, Ouvindo... Relacionando. ....	113
X. CONSIDERAÇÕES FINAIS. ....	137
Anexo: <i>Como fazer Sonhos.</i> .....	145
Bibliografia. ....	150
Summary. ....	153



## INTRODUÇÃO.

Acreditando que a caminhada pessoal do terapeuta revela a maneira como se relaciona com o paciente, fui rever o meu caminho. Indagando o que, através da minha vivência, favoreceu com que me importasse com a pessoa que está sentada à minha frente. Assim me remeti ao conto *Como fazer sonhos*, que retrata a vivência da própria essência. No conto me confrontei com a necessidade de ter intimidade comigo mesma, permitindo ser o que realmente sou, podendo experimentar, viver tudo o que de fato sou, a essência de mim mesma.

Como no conto e na vida acredito no mesmo para o paciente: propiciar que busque a própria essência. Passei a indagar se realmente propicio essa vivência para o paciente.

O analista, ao receber o paciente, o percebe e tenta favorecê-lo na percepção de si mesmo, sendo guiado pelo próprio processo do cliente. O encontro entre paciente e analista favorece que haja um confronto com a essência de ambos. O analista não estando de posse de sua própria essência, guia o paciente segundo sua própria percepção, sua estrutura de pensamento e segundo as reações do seu inconsciente, interferindo no processo, forjando uma relação.

Este trabalho visa a amplificar fatos e cenas da realidade concreta, imagens do mundo manifesto e confrontá-los com a teoria jungiana da qual se aproxima.

Todos eles conduziram para o estudo do procedimento do analista frente ao paciente.

O chamado para a terapia está contido na epígrafe que abre esta monografia e que abre também o conto *Como fazer Sonhos*, escrito por mim, em 1990 (não publicado), que será amplificado simbolicamente, segundo a teoria de Carl Gustav Jung. Abarca a integração de elementos construtivos e destrutivos, transformando venenos em alimentos, de forma criativa, simbólica. Lidará com conflitos, re-integrando opostos, revisitando histórias pessoais e coletivas.

Pretendo, através da análise do conto, fazer um percurso de como sair da forja criativamente. Esta saída favorece um encontro verdadeiro. O contrário ocasionaria o desencontro. Percorrer um caminho feito para entrar em contato com o outro dentro de si e com o outro que está diante de si, isto é sair da forja.

O convite, que é feito pelo analista, tal como na epígrafe, quando aceito pelo paciente, nos leva a muitos lugares. É preciso nos aquecermos para podermos passar por todos esses territórios. Territórios percorridos em tempestades, calmarias, ansiedades, torturas; solitários, acompanhados, abandonados. Pelo caminho, *caminhadura*, dura caminhada, sonhos encontrados e perdidos, mal avaliados, barganhados,

realizados, velados... Vivenciados com ódio, amor, tristeza, alegria, inquietação, sofrimento, sabedoria, medos, temores, rancores. No caminho, monstros, anjos, deuses, demônios, morte, vida, destruição, construção, terra, água. Muito mais.

Todos trilhamos esses caminhos, entretanto esquecemos de sonhar, de buscar algo que permita criar. Para tanto precisamos considerar todo o nosso vivido e saber fazê-lo, durante toda a jornada. Poderemos, então, favorecer o outro que também vem buscar o mesmo; pelo menos, assim o cremos.

O terapeuta deve identificar e se relacionar com os próprios demônios e deve ter resgatado os seus valores. Mesmo assim necessita coragem para fazer este percurso, acompanhando o seu paciente. Coragem, clareza, pois revisitará vários sonhos perdidos, amedrontadores, claros e escuros e irá se *con - doer* muito.

Necessitará se aquecer, para estabelecer uma relação de amor com os próprios demônios e com as feridas. Então, poderá propiciar o mesmo a quem chega para mais uma jornada. Terá disposição, como numa relação amorosa, para com tudo o que lhe aparecer. Deverá estar disposto a lidar com cegos, feridos, despedaçados, destruídos, destruidores, mortos, mortos/vivos.

Novos sonhos serão descobertos e novas feridas surgirão. Enquanto umas cicatrizam trazem amor e cura, as mais antigas surgirão, tentando destruir o que foi reconquistado. É necessário paciência e é

necessário crer. Continuar junto com o outro, ir até o fundo novamente com ele, mergulhando no seu mundo sombrio, para depois ressurgir com o tesouro sonhado.

Na relação transferencial criamos um espaço para receber o outro, este muitas vezes nos põe em contato com feridas que imaginávamos curadas, ou com demônios já abrigados. Contratransferencialmente reagimos sem nem perceber o que nos abateu. Assim, inconscientemente, não estamos favorecendo o outro na sua caminhada, tornamo-nos mais um errante nesta *caminhadura*.

Errante como um mendigo que, proibido de ter bens, vive da caridade alheia. O terapeuta, quando não se vê, vive dos valores do paciente.

Por vezes as minhas feridas me revisitam, e nesses momentos, ao invés de ser uma analista que favorece o outro, eu o atrapalho. Este trabalho visa a encontrar o ponto desse desencontro. Que ele também possa ser fértil, como uma semente que se enraíza em terras anteriormente vazias ou áridas; que permita ser percebida a face do analista perturbador do desenvolvimento do paciente; que liberte, analista e paciente, da tristeza. E que, ao encontrá-la, a transforme em novos sonhos.

Existem, na psicologia analítica junguiana, muitos trabalhos desenvolvidos com o tema da transferência e da contratransferência; pretendo teoricamente fazer um trajeto por eles, partindo de Freud, me

detendo mais em Jung e passando pelos neo - junguianos. Para elucidar a teoria usarei trechos de poesias, elaboradas por escritores, pelos clientes e por mim; usarei também letras de canções e o conto ***Como fazer Sonhos***. Relativos a este conto serão apresentadas falas de pacientes, ampliando traços teóricos, como também relatos da vivência dos ouvintes do conto em dois grupos de literatura; assim como a experiência própria ao re - ler algo criado há dez anos.

Os conceitos vivenciados promovem uma dialética atemporal, os fatos não sendo vistos numa temporalidade linear ganham significados, passam a fazer sentido e o ser humano se situa diante deles, do outro e do Cosmos, com uma dimensão de si mesmo, não mais dividido pelos conflitos, transcendendo polaridades.

É necessário que o analista viva esta transcendência para ter uma visão global do paciente. Um dos aspectos mais destrutivos do ponto de vista psicológico é a visão unilateral e temporal, com perda de qualquer consideração pela totalidade.

O analista é um ser humano que pelas próprias vivências possui feridas, é necessário ter consciência de sua própria ferida e experimentá-la a fim de que ela não contamine o outro cada vez que este a trazer. No outro pólo, existe um curador interior dentro de cada um de nós, portanto, dentro do analista e do paciente. O paciente busca alguém que cure e não tem consciência do seu pólo curador. Se o analista ficar em contato somente com o seu pólo curador e não tiver consciência das suas feridas,

da sua própria doença psíquica, vai ser contaminado pelo paciente, viver a infecção psíquica, contaminar-se sem ter consciência, não integrando a ferida como possibilidade de cura.

O terapeuta que vive a unilateralidade, ao se relacionar com o cliente, se torna conivente, forjando a relação, domando o ser e não favorecendo que ele encontre a própria essência. A projeção do terapeuta no cliente deturpa o arquétipo da criação e o lado criativo, inocente, passa a ser julgado como tolo, débil. Assim o analista tende a conduzir para uma transformação que julga necessária, abandonando o lado criativo que o conduziria à própria essência.

É necessário encontrar o ponto de equilíbrio interno entre as polaridades ferida e cura, configurando o princípio gerador e criador. Através de uma perspectiva simbólica, a partir da leitura da realidade para que *veneno/ferida/destruição* e *alimento/cura/construção* transcendam as polaridades. Que o ser não mais dividido deixe de viver unilateralmente, não mais projetando no outro um dos pólos fora de si, seja no terapeuta ou no paciente, saindo da transferência, como projeção e buscando o encontro entre dois seres, e da contratransferência.

## I. ABORDAGEM SIMBÓLICA.

---

Culturalmente aprendemos a abordar a realidade orientados pelo fato e pela lógica, definindo tudo através de conceituações literais, abstratas e impessoais. Jung em sua abordagem propõe o uso das faculdades intuitivas e emocionais, para juntamente com as estruturas de pensamento fazer uma leitura da realidade, interagindo com todos os elementos cognitivos e afetivos que possuímos. A lógica racional é incapaz de nos oferecer respostas adequadas à compreensão da vida e à sua vivência, causando um desequilíbrio psíquico.

A abordagem simbólica abarca a experiência de algo indefinido, intuitivo ou imaginativo, a sensação de algo que não pode ser conhecido ou transmitido de nenhuma outra maneira. Não podemos falar da psique como algo estanque, definido e linear, que é ou não é, que seja isto ou aquilo.

A preocupação de Jung era mostrar que a intuição, a emoção e a capacidade de perceber e de criar por meio de símbolos são modos básicos de funcionamento humano, assim como a percepção através dos órgãos do sentido e através do pensamento.

Um símbolo para Jung é a expressão de uma experiência espontânea que aponta para além de si mesma, na busca de um significado não transmitido originalmente. Não é a designação abstrata convencionada para um objeto específico.

Jung define um símbolo como

*A melhor descrição, ou fórmula, de um fato relativamente desconhecido; um fato todavia postulado ou reconhecido como existente. Não se trata de um signo arbitrário ou intencional que representa um fato conhecido e concebível, mas de uma expressão (...). (Apud Whitmont, 1995, p. 18.)*

A experiência simbólica não é feita por nós, ela nos acontece. Como toda função básica, ela continua a atuar, consciente ou inconsciente. Podemos pensar a experiência simbólica como função reveladora do inconsciente.

A necessidade predominante do homem é sentir apaixonadamente alguma coisa - encontrar significado e propósito - o que transcende as preocupações do ego. O impulso para o significado na psique, existe desde o nascimento, como um instinto.

De acordo com Jung o anseio de significado é

*A mola propulsora que impulsiona a busca dos demais aspectos da psique, incluindo a própria consciência do ego. (Apud Nichols, 1995, p.171.)*



## ***Imagens.***

As imagens surgem como portadoras de mensagens que estão faltando, em conseqüência de opiniões e convicções unilaterais do consciente. A pressão crescente das imagens é a necessidade de se estabelecer um equilíbrio psíquico.

Assim Hillman (1995) vê:

*A experiência nunca é crua ou bruta; é sempre construída por imagens que são reveladas nas narrações do paciente. A fantasia na qual o problema está projetado diz mais sobre a maneira com que o problema está construído e como ele pode ser transformado (reconstruído) do que o faz qualquer tentativa de analisar o problema em seus próprios termos. (p.78.)*

As imagens constelam qualidades emocionais e imaginativas, assim reconstituem uma conexão que o processo abstrato cortou. Estabelece uma conexão do consciente (pontos fixos de referência racional e conceitual) com a psique inconsciente (impulsos internos que nos dominam). O aparecimento de novos símbolos se dá através do diálogo entre consciente e inconsciente, com o Eu-Tu interno e o Eu-Outro externo em constante conversa. O que possibilitará uma nova formação de símbolo, possibilitando um novo acesso a emoções diferentes, com perspectivas novas, nas condutas, visões e esperanças.

As situações de transferência e contratransferência vão possibilitar ocorrer todo este entrosamento, pois fazem parte destas

relações, libertando o indivíduo de seus complexos, agora compreendidos emocionalmente, não mais inconscientes.

### ***Unidade.***

Tudo no Universo, se constitui em manifestações de energia básica que se aglomera de diferentes maneiras. Em constante dinamismo, etapas transitórias, com fluxo constante e ininterrupto de energia. O ser humano, também estabelece a mesma interrelação com a sociedade e o cosmos.

Nesta visão mundo externo e mundo interno estão entrelaçados por uma rede de relações intermináveis que se influenciam mutuamente, numa realidade unitária, sendo que os pólos opostos manifestam aspectos diferentes da unidade.

Baseando-se numa realidade unitária, Jung procura visualizar o fenômeno psíquico utilizando tanto uma abordagem lógica quanto uma abordagem intuitiva.

Pereira (1998) nos fala da unidade:

*A unidade é uma interação dinâmica entre os dois extremos, e o equilíbrio dinâmico a ser buscado pelo ser humano consiste, não na suspensão ou na elevação de um pólo ou de outro, mas nos pontos de contato possíveis entre eles. (p. 79.)*

Entretanto a energia gerada do interrelacionamento dos vários pares de opostos gera uma tensão, ocasionando um conflito. Se o indivíduo não tomar partido de um dos pólos, propiciará que a energia seja redistribuída, pois ela se transforma mas não se perde.

Energia está sempre associada a algum processo ou tipo de atividade. Aspectos contraditórios e opostos transformam-se continuamente e a relação entre eles não pode ser vista como estados de oposição, e sim como aspectos que se relacionam em cooperação mútua numa transcendência de opostos.

A transcendência estabelece conexões entre as várias dimensões do Universo, não se atendo a explicações causais dos fenômenos e demonstrando a sua unidade básica, a própria essência. Traduzindo a possibilidade criativa do Self, ampliando o campo de visão egóico para um contato com o mundo não manifesto, orientando o processo de crescimento psicológico, podendo realizar as potencialidades do ser humano.

Jung abarca a noção de unidade e totalidade através da noção de Self, o centro organizador e unificador dentro do campo psíquico.

Permitir viver dentro desta noção de unidade requer que o ego não se fixe nos padrões habituais e convencionais de conduta, transcendendo, permitindo surgir uma nova forma de se relacionar no mundo, em relação com tudo o que experimentar na vida. É um eterno aprendizado de inter-relacionamento consigo e com o Cosmos.

### ***Polaridades em relação.***

O ser humano é constituído de vários componentes, com padrões dinâmicos de atividades, constituindo um fluxo de energia.

A organização, o movimento, a energia que os elementos possuem e como o indivíduo se relaciona com eles constituem um padrão unificado, a totalidade.

Numa visão holística precisamos estar em constante contato com todos os elementos pois estes estão interligados em constante interação.

Para Jung (*apud* Pereira, 1999) quando o eu natural é reprimido e não expresso, ele se manifesta em sintomas de doenças.

Na tentativa de procurar controlar a vida, o ego cria padrões lineares, rigidamente descarta o lado criativo, tirando a possibilidade de enfrentar a vida a partir de si próprio, ao invés de seguir sua sabedoria interna.

Se considerarmos a polaridade saúde/doença como um processo, as perturbações que surgem são vistas como padrões de interação que levam à ampliação da consciência. Não se fixando à saúde como um estado determinado, atende-se aos chamados do processo de cura, passando pelos vários estágios que vão surgindo no processo de crescimento. Assim crises, conflitos são sinalizadores de novas possibilidades a serem vividas. Curar é um trabalho de reintegração de

partes, de se assumir diante da vida, não eliminando nada que considere negativo.

Buscando o curador dentro de nós, o que ouve integra e assume responsabilidade sobre si mesmo, compreendendo suas mensagens. Doença e saúde passam a ser complementares, buscando encontrar as necessidades do corpo e da alma. O Outro, a projeção, a transferência, passam a ser o caminho para o processo de cura ocorrer, onde ferido e curador se relacionam.

O terapeuta auxilia e é auxiliado no processo de cura, numa aliança que favorece o processo. A tarefa do terapeuta é auxiliar que o cliente encontre os elementos necessários a cura, com o cliente encontrando novas possibilidades de relação consigo e com o mundo, a partir do que vai discriminando.

## ***TRANSCENDÊNCIA.***

Gilberto Gil retrata a transcendência na letra de sua música Drão. Ela transcende a teoria, nos conduz ao movimento que a transcendência sugere. Depois de acompanhar a letra, estará situada a relação com a teoria.

### ***DRÃO***

***drão  
o amor da gente é como um grão  
uma semente de ilusão  
tem que morrer pra germinar***

*plantar nalgum lugar*  
*ressuscitar no chão*  
*nossa semente*  
*quem poderá fazer*  
*aquele amor morrer*  
*nossa caminhada*  
*dura caminhada*  
*pela estrada escura*  
*drão*  
*não pense na separação*  
*não despedace o coração*  
*o verdadeiro amor é vão*  
*estende-se infinito*  
*imenso monolito*  
*nossa arquitetura*  
*quem poderá fazer*  
*aquele amor morrer*  
*nossa caminhada*  
*cama de tatame*  
*pela vida afora*  
*drão*  
*os meninos são todos*  
*os pecados são todos meus*  
*Deus sabe a minha confissão*  
*não há o que perdoar*  
*por isso mesmo é que há*  
*de haver mais compaixão*  
*quem poderá fazer*  
*aquele amor morrer*  
*se o amor é como um grão*  
*morrenasce trigo*  
*vivemorre pão*  
*drão*

Viver implica aprender constantemente com todas as experiências que abarcam o ser, ***nossa caminhada***. Solicitando do ego que não se fixe em padrões habituais: ***dura caminhada, pela estrada escura***, e acesse o inconsciente, redimensionando as diversas situações, ***nossa semente***, e transcendendo a consciência, ***tem que morrer pra germinar***. Gerando uma nova personalidade: ***tem que morrer pra***

**germinar**, que não é um terceiro elemento entre consciente e inconsciente: **não pense na separação**, mas numa união, num só corpo: **ressuscitar no chão**. Como se apresenta no final da letra de música: **morrenasce trigo, vivemorre pão**. Não existindo mais separações, atingindo a totalidade, o Si-mesmo. Um símbolo unificador, **nossa arquitetura**, representando a união dos opostos.

A idéia de conjunctio esclarece a ligação química, alquímica, **imenso monolito**<sup>1</sup>, representando a união dos opostos. Numa união mística, onde os arquétipos, apesar das formas exteriores que assumem, também representam a essência e a alma inata no indivíduo: **Deus sabe a minha confissão, não há o que perdoar, por isso mesmo é que há de haver mais compaixão**. A alma individual em relação com o Mundo Espiritual, condição necessária para se estabelecer a psique individual: **o amor é como um grão, morrenasce trigo, vivemorre pão**.

---

<sup>1</sup> Pedra de grandes dimensões, podendo ser do tamanho de uma montanha.

## II. FUNÇÃO ESTRUTURANTE E DESESTRUTURANTE DO SÍMBOLO.

---

Cabe ao analista desenvolver em si próprio a capacidade de funcionar no padrão de alteridade, numa relação dele consigo mesmo, tendo consciência de sua existência e de sua relação com o cosmos. A partir dessa discriminação terá condições de perceber a relação terapêutica, englobando ela e ao analisando no Self terapêutico. Esta vivência permitirá à consciência do terapeuta relacionar-se com os símbolos do processo, diferenciando os dinamismos transferenciais: o próprio e o do analisando, libertando-se para estar presente na relação com o analisando e também para não se deter nas reações emocionais deste, permitindo fluidez ao processo terapêutico, que orientará o percurso a ser vivido.

A Psicologia Analítica denominou de Self o Arquétipo Central estruturador da vida psíquica. Boechat (1984) assim o apresenta:

*O Arquétipo Estruturador aparece em um campo psíquico, por assim dizer, de duas pessoas e é ativado pelo encontro terapêutico destas duas pessoas. Jung embora definindo originalmente o Self como o centro ordenador da Psique individual, também postulou, mais tarde, em sua obra Aion, o Self externo ao indivíduo, um dos fatores daquilo que chamou Paradoxo do Self. (...). O Self mobilizado pela situação analítica é*



*externo ao indivíduo (universal) e ocorre com momento dado (unilateral).* (p. 74.)

É importante que o terapeuta atenda tanto à necessidade de discriminação como à de indiscriminação, pois ambas se tornam imprescindíveis para a vivência e integração do símbolo de forma totalitária. Usar somente um dos pólos, discriminação ou indiscriminação, acarreta uma visão unilateral: o indivíduo, via arquétipo do Self, computa aquela vivência unitária como um todo. Um símbolo indiscriminado potencializa o aspecto já existente, o símbolo não é integrado na consciência como aspecto criativo e sim destrutivo.

Byington (1983) fala da polaridade discriminação/indiscriminação do símbolo:

*O processo de estruturação da Consciência a partir dos processos inconscientes inclui a polaridade discriminação-indiscriminação, atuando de forma dinâmica e propiciando paulatinamente, e/ou em crise, o processo de transformação e desenvolvimento. Quando um Símbolo é constelado pelo Self, ele concentra em si uma quantidade de energia psíquica que indiscrimina a consciência de forma maior ou menor. À medida que o Símbolo desempenha sua função estruturante, a energia simbólica vai se transformando em processo existencial, com a conseqüente rediscriminação da Consciência, já agora incluindo a transformação estrutural da Personalidade e da Consciência Individual ou Coletiva. Durante a indiscriminação, o Símbolo reaproxima a polaridade consciente-inconsciente, intensificando a Vivência Unitária desta polaridade no que concerne a este símbolo e às situações existenciais por ele influenciadas.* (p. 38.)

Na medida em que o símbolo for trabalhado, as defesas que mantêm a patologia cedem para a discriminação e para a expressão do símbolo na consciência, permitindo a estruturação desta.

A própria constelação do inconsciente em uma análise já marca o início da transferência que envolve o inconsciente do terapeuta. Ao se constelarem os Símbolos terapêuticos, instala-se automaticamente a indiscriminação Simbólica e constela-se automaticamente, também, o Self Terapêutico, sendo humanamente impossível ao terapeuta manter seu inconsciente fora do processo.

O inconsciente carrega-se de metas, de propósitos, de prospecção, a noção de transferência e contratransferência tem mais a ver com a criatividade do inconsciente.

No contexto terapêutico propiciado pela Psicologia Analítica, deve-se manter uma relação de polaridade com os símbolos do eixo Ego-Self. Portanto, podemos considerar a transferência tanto como projeção dos conteúdos do paciente sobre o analista; quanto como a transferência como manifestação criativa do Self, considerando a dinâmica não só do paciente mas também a do processo terapêutico.

### III. TRANSFERÊNCIA.

---

#### **TRANSFERÊNCIA SEGUNDO A PSICOLOGIA ANALÍTICA.**

*Parece que  
um dos maiores consolos  
existentes sobre a terra  
deve ser o de ver que  
somos úteis às almas.*

Santa Teresa de Ávila.

Ieda Porchat em *Ser terapeuta* (1985), pergunta a Leon Bonaventure, o que lhe parece ser o mais importante nessa profissão. Ele cita a epígrafe acima e acrescenta:

*A alma é a interioridade de tudo o que é vivo. A intenção de meu trabalho não é curar, mas cultivar a alma, favorecer a individuação (...) quando a alma reencontra a sua vida, não há mais lugar para a doença. (...) Tenho prazer em ver a vida se criar, tenho amor pela vida. É bonito ver crescer uma flor. O crescimento da árvore é uma bela imagem do desenvolvimento. Gosto de plantar árvores, mesmo que nunca chegue o dia de eu colher os seus frutos. (p. 80.)*

Assim como Bonaventure, acredito estar cooperando com a Mãe Natureza, humanizando e me humanizando, ao me ocupar com o *jardim da Alma*, a serviço do Self, num processo dinâmico, com coragem de

viver em relação com o mundo das imagens, dos símbolos, dando sentidos a todos os valores, ao individual, que me é único, e ao universal.

O analista precisa do paciente como um outro. Havendo relação, haverá desenvolvimento, criação. Portanto estar com o outro na relação analítica é uma necessidade interior de ambos: paciente e analista promoverão um encontro consigo mesmo e com o outro, num processo criativo.

Entretanto ao nos relacionarmos com o outro, num encontro analítico, podemos estabelecer uma *afeição desajeitada, uma espécie de relacionamento colante*, a transferência. Termo originado do alemão *Übertragung*, que significa literalmente: carregar alguma coisa de um lugar para outro; metaforicamente: carregar de uma forma para outra. Jung (1998) considera que o processo psicológico da transferência é uma forma específica do desenvolvimento mais generalizado da projeção, entendendo a transferência como um caso especial de projeção.

Steinberg (1995) expõe os pensamentos de Freud e de Jung a respeito da transferência, de como o desajuste do paciente passa a ser transferido para o analista.

Freud, o primeiro a identificar e a descrever esse fenômeno, cunhou o termo "*neurose de transferência*". Inicialmente visto como um obstáculo ao tratamento, ou seja, uma resistência. Posteriormente reconheceu o valor terapêutico da transferência, considerando:

*Que ela oferecia ao paciente a oportunidade de repetir em ambiente seguro as experiências patológicas que constituíam a base de seus conflitos. Neste novo ambiente, essas antigas experiências podiam ser demonstradas como as motivações inconscientes para o atual comportamento mal ajustado da pessoa. A transferência tornava-se o campo de batalha onde se podia travar a guerra da neurose. (p. 20.)*

Jung parecia defender o modelo original de Freud acerca da resistência/obstáculo. Em outras ocasiões, entretanto, reconhece que a transferência, como a projeção, é um fenômeno normal e apenas um caminho para os conteúdos ativados tornarem-se conscientes. Em 1946, Jung, retornou à inevitabilidade e à importância da transferência no tratamento analítico:

*Provavelmente, não será exagero dizer que quase todos os casos que requerem tratamento prolongado gravitam em torno do fenômeno da transferência, e que o sucesso ou fracasso do tratamento está vinculado a ele de forma fundamental. A psicologia, portanto, não pode simplesmente subestimar ou evitar este problema, nem pode o psicoterapeuta fazer de conta que a assim chamada “resolução de transferência” é apenas uma coisa esperada. O tratamento médico da transferência oferece ao paciente uma oportunidade inestimável de retirar suas projeções, de tornar boas suas perdas e de integrar a sua personalidade. (p. 21.)*

O termo transferência, que decorre do latim *transferens*, significa *levando além*. A transferência é um processo que se dá através do encontro do terapeuta e sua capacidade de compreensão; da personalidade consciente do paciente; e seguindo a origem do termo:

*levando além*, apresentando um terceiro elemento, o inconsciente do paciente depositado na pessoa do terapeuta. Esta é a formulação original da transferência, um modelo “ternário”.

Boechat (1984), mostra a inclusão de um quarto fator, o inconsciente do analista. Dizendo que

*O analista deixa de ser fator unitário de compreensão e elucidação, já que seu inconsciente estará sempre presente e ativo. (p. 72.)*

Neste modelo “quaternário”, onde o inconsciente do analista está em relação com o inconsciente do cliente, está inclusa a contra-transferência.

Jung considera que o analista também é afetado pelo processo terapêutico, e lança mão da alquimia para falar sobre esta relação:

*Assim como as substâncias influem uma sobre a outra, também analista e cliente terão influência mútua e se modificarão, condicionando favoravelmente o Processo de Individuação. (Apud Boechat, 1984, p. 73.)*

A relação analítica, como assevera Jung (*apud* Boechat, 1984), se dá entre dois indivíduos imbuídos de emoção, sendo involuntária e portanto avassaladora para o indivíduo, desviando as intenções do ego, aderindo à pessoa. Assim sendo, o fato acontece, está na relação *a priori*, pois as emoções não são manejáveis, como as idéias ou os pensamentos. Conseqüentemente a emoção dos conteúdos projetados

forma uma ligação entre as duas pessoas, podendo ser este laço emocional positivo ou negativo. Jung (1988), acrescenta:

*Sendo que a emoção é sempre avassaladora para o sujeito, porque é uma condição involuntária, que desvia as intenções do Ego. Além de tudo ela adere ao sujeito, que não consegue desvencilhar-se. Entretanto tal condição involuntária é ao mesmo tempo projetada no objeto e através dela um laço é estabelecido e não pode ser desfeito, exercendo sua influência compulsória sobre a pessoa (o sujeito). Por conseguinte a emoção dos conteúdos projetados sempre forma uma ligação, uma espécie de relacionamento dinâmico entre o sujeito e o objeto, que é a transferência. Naturalmente, como todos sabemos, tal laço emocional, tal ponte ou corda elástica, pode ser negativa ou positiva. (...) A projeção de conteúdos emocionais sempre tem uma influência em particular. As emoções são contagiosas, estando profundamente enraizadas no sistema simpático, que tem o mesmo sentido que a palavra “sympathicus”. Qualquer processo de tipo emocional imediatamente origina processos semelhantes nas outras pessoas. (p. 129.)*

Hillman (1984), nos fala deste contágio, na forma de infecção psíquica, um dos riscos do encontro:

*Ao receber o outro a consciência oferece a máxima atenção com o mínimo de intenção. Recebe o outro através do ouvido, através de nossa parte feminina, concebendo e gestando uma solução nova para o seu problema somente depois de termos sido totalmente penetrados por ele e sentido o seu impacto, deixando-o definir-se em silêncio. (...) Onde houver ligação real e as portas estiverem abertas, duas psiques estarão fluindo juntas. Poder-se-á falar num “encontro de almas”. É nessa hora que, confundindo o outro comigo, eu perderei o sentido de quem é quem, do que é*

*dele e do que é meu. (...) Nesta hora nos apegamos ao ego, como defesa contra esta infecção, pois o ego nos mantém independentemente intactos, incontaminados e de lentes limpas. Porém, apesar de todo o seu valor como proteção, o ego não é um terapeuta. A cura vem exatamente de nosso lado desarmado, lá onde somos bobos e vulneráveis. (...) A ferida é um rombo no muro, uma abertura por onde podemos nos infeccionar e também afetar as outras pessoas. As flechas do amor, enquanto ferem, conseguem curar e transformar-se em apelos. A compaixão não vem do ego. Entretanto, se as feridas abertas não forem diariamente cuidadas, poderão receber infecções alheias, vindo assim a contaminar toda uma personalidade. Se eu quiser ser útil a mais alguém, precisarei sempre prestar atenção aos meus sofrimentos e necessidades. (p. 19.)*

Algumas vezes não é fácil perceber onde termina a transferência e onde começa a percepção muito real e apropriada do paciente sobre nós.

Denise Ramos (1985), afirma:

*A relação nunca é unilateral, e, à medida que nos aprofundamos, o paciente também vai percebendo nossos pontos mais fracos, menos desenvolvidos e onde somos mais facilmente atingíveis. Por outro lado não se pode interpretar toda agressão como transferência ou resistência. Em alguns momentos ela é conseqüência de uma atuação errada por parte do analista que precisa, aí, rever seu trabalho. Para que a análise possa fluir é imprescindível o reconhecimento do erro. (p.37.)*

A **intensidade do relacionamento de transferência** equivale a importância que os próprios conteúdos possuem para o paciente. Uma



transferência aguda demonstra que tanto a transferência como os elementos de projeção são importantes para o paciente. Quando os elementos forem revelados, conscientizados, a transferência entrará em declínio e o paciente tomará posse do seu conteúdo, não mais projetado na pessoa do analista. Segundo Jung (1998):

*Sua intensidade é também uma emoção intensa, que na verdade corresponde a um bem da vida do paciente. Se ela se dissolve, toda aquela energia projetada recai sobre o sujeito, que então fica de posse de um tesouro que antes, durante a transferência, estava sendo desperdiçado. (p. 133.)*

Jung (1998) nos diz sobre a **etiologia da transferência**,

*Ela pode ser uma reação inteiramente espontânea e não provocada, como um “amor à primeira vista”. Logicamente não deve ser confundida com amor, pois não tem nada a ver com isso. Nela apenas se faz mau uso do amor. Pode parecer-se com esse sentimento, e analistas inexperientes podem cair no erro, confundindo-a com o amor, e o paciente cometer o mesmo erro, dizendo que se apaixonou pelo terapeuta. Aí não há realmente amor.(p. 133.)*

Tanto analista como paciente podem criar **fenômenos compensatórios**, por falta de relacionamento. Jung (1998), nos diz:

*No tratamento analítico, se a ligação entre o paciente e o terapeuta se torna difícil devido à diferença de personalidade, ou se há distâncias psicológicas entre eles que atrasem o efeito terapêutico, por tal ausência de contacto o inconsciente do paciente tentará cobrir a distância, construindo uma ponte compensatória. Já que não existem pontos comuns, nem*

*possibilidade de formar nenhum tipo de relacionamento, um sentimento apaixonado ou fantasia erótica tenta preencher o vazio. Tais fenômenos compensatórios podem também recair sobre o analista. ( p. 134.)*

O indivíduo estabelece precárias relações com o mundo concreto. No processo psicoterápico na medida em que o paciente aprofunda a relação com o terapeuta, este também mantém uma relação de intimidade com o paciente para compreender o mecanismo do seu desenvolvimento psíquico. Desta intensa ligação ocorre a transferência. Na verdade um elevado grau de projeção, mecanismo de defesa, enquanto não se estabelece uma verdadeira relação psicológica.

Jung (1998) afirma que

*Não há necessidade de transferência, como também não há de projeção. A cura não depende nem da ausência, nem da existência dela. Tais projeções acontecem devido a condições psicológicas muito peculiares. E da mesma forma que a gente dissolve outros mecanismos tornando-os conscientes, tem-se também de dissolver a transferência através da consciência. (p. 141.)*

Vemos assim como pensamos e não como a realidade nos mostra; esta visão é muitas vezes entremeada pelo preconceito, pelo julgamento, ela nos mostra a realidade da psique atuando na visão da realidade externa do indivíduo. Portanto é necessário estar consciente da própria filosofia de vida, pois esta exerce influência sobre a vida e o estado de alma da pessoa. Sabendo de si, não é necessário projetar. Jung (1988) diz do benefício da retirada da projeção:

*Se a projeção é suprimida, o vínculo negativo (ódio) ou o positivo (amor) produzido pela transferência pode desfazer-se quase que instantaneamente, de forma a não restar aparentemente nada além da cortesia de um relacionamento profissional. Num caso desse tipo, não se pode negar ao médico nem ao paciente o direito de suspirar de alívio, apesar de se saber que, tanto para um como para o outro, o problema foi apenas adiado: mais dia, menos dia ele reaparecerá, aqui ou em outro lugar, pois por detrás pressiona sem trégua o impulso para a individuação. (p. 101.)*

A transferência, como um fenômeno psíquico, tem um aspecto causal e um objetivo ou uma finalidade. Boechat (1984), diz que

*Os aspectos causais estão relacionados com a neurose transferencial e os fenômenos que se repetem no processo transferencial devido à compulsão de repetição. Os aspectos finalísticos referem-se à transferência arquetípica, estritamente falando. A transferência arquetípica tem valores positivo e negativo muito próximos; uma transferência positiva torna-se, por um súbito processo de enantiodromia<sup>22</sup>, carregada de uma tonalidade extremamente negativa. Os arquétipos, como fatores do Inconsciente Profundo, são bipolares: têm um aspecto positivo outro negativo, segundo a valoração do ponto de vista consciente. (p, 73s.)*

Assim o demonstra a fala de uma paciente, que foi educada no modelo católico, com as imposições e regras de sua Igreja. Segundo ela, “seguir Cristo e atingir a perfeição é tudo”, este preceito se indispõe com a psicologia que inclui maior compreensão e aceitação do ser. Assim se

---

<sup>22</sup> Enantiodromia: conceituação do filósofo pré-socrático Heráclito que explica como um valor, após atingir sua intensidade máxima, converte-se em seu oposto.

expressa: *Vir aqui é encontrar com a feiticeira, que faz magia, é do mal. Mas só isto pode me fazer bem. É para poucos.* Os dois pólos do Arquétipo do Curador estão juntos, de um lado o poder de cura e de outro o mago negro. De um lado uma crítica e de outro uma idealização.

Quando as projeções vão sendo reconhecidas, o instinto pessoal deixa de conduzir a relação e surge um relacionamento psicológico.

Através da transferência o cliente vai descobrindo o seu valor, o sentido da vida e a sua individualidade. Não depositando mais aspectos seus nos outros, retirando as projeções.

A retirada da projeção deve ocorrer gradativamente. Jung (1981) diz:

*(...) a integração dos conteúdos destacados da “imago” está carregada da mesma energia que tinha inicialmente, no tempo da infância, e continua, na idade adulta, a influir decisivamente sobre o destino. Devido à integração, o inconsciente recebe um considerável acréscimo de energia, o que logo se manifesta pelo fato de o consciente ser fortemente determinado pelos conteúdos inconscientes. (...) podendo ocorrer um “horror vacui”, um medo instintivo de deixar a “imago” dos pais e sua alma de criança caírem no vazio de um passado sem esperança e sem porvir. Seu instinto lhe diz que essas coisas têm que continuar vivas de qualquer forma, porque a sua integridade depende disso. Ele sabe que a eliminação completa da projeção vai deixar numa solidão infinita o seu eu tão pouco amado (...) quedando-se na relação da transferência. Parece que isso não se pode evitar, porque cair de repente no estado da orfandade e abandono dos pais pode, devido à repentina mobilização do inconsciente que*

*daí resulta, tornar-se perigoso nos casos em que já existe uma tendência psicótica. (...) A retirada da projeção e a da transferência propicia que apareçam conteúdos impessoais e coletivos, constituídos do mesmo material de certas psicoses esquizofrênicas. A situação não é isenta de perigo, requerendo paciência do paciente e do analista na retirada da transferência. (p. 95s.)*

Identificar o arquétipo que o paciente está transferindo para o analista favorece na compreensão da transferência, e isto é feito diante de cada caso que se apresenta. É preciso averiguar o que aquele arquétipo está representando diante da realidade que aquele paciente está denunciando. Assim não se inclui somente a neurose transferencial mas a arquetípica. Jung estabelece que

*Não apenas fatores infantis, provenientes de estágios anteriores do desenvolvimento do ego estão presentes nas projeções transferenciais, mas também elementos construtivos dentro do processo de individuação. (Apud Boechat, 1984, p. 76.)*

Boechat (1984), salienta como se dá a retirada da transferência arquetípica e a batalha heróica de desenvolvimento do ego:

*À medida que a transferência arquetípica se encaminha para um processo de resolução, seu caminhar é dirigido por transformações simbólicas. A morte mitológica dos pais, o parricídio e o matricídio arquetípicos efetuados pelo Herói, é um fenômeno que ocorre dentro do processo transferencial como indicativo de uma maior autonomia do Ego do analisando. (...) O tipo de Herói domina o quadro transferencial, abrindo caminho para o encontro dialético entre o cliente e terapeuta, seu encontro*

*criativo, seu estado de mutualidade no qual o outro não é coisificado. ( p. 78.)*

Jacoby (1984), diz que

*A transferência sempre tem suas raízes arquetípicas, sempre tem ligação com necessidades instintivas e suas fantasias correlatas. Afinal de contas, a situação freudiana de Édipo é também arquetípica. O próprio fenômeno da transferência é arquetípico. Se um paciente puder vivenciar em grande parte um analista do sexo masculino como uma mãe positiva, isso deve estar relacionado com a Grande Mãe arquetípica e com o sentimento de estar seguro nos seus braços. De outro modo, seria somente a mãe pessoal, verdadeira, que poderia preencher este papel. Através da transferência, o analista pode se tornar a Grande Mãe, e o desejo de ser carregado e alimentado por ela pode ser vivenciado até certo ponto. Desta forma, embora a transferência seja essencialmente arquetípica, os arquétipos manifestam-se em circunstâncias pessoais específicas. ( p. 91.)*

A dinâmica da transferência faz parte do eixo do processo analítico, sua meta é tornar consciente o inconsciente e conseqüentemente estruturar a consciência.

É necessário estar disponível para receber o outro (paciente) diante de si e dentro de si (analista). Lima (1991), estabelece a relação transferencial, paciente/analista e analista/paciente como sendo uma relação amorosa:

*Fica uma trajetória toda de um cortejar de influências mútuas, vividas e sofridas entre os seres enquanto, através do encontro e do desencontro, eles vão amorosamente se descobrindo e nesta*

*descoberta amorosa um do outro o que na realidade percebem é que o sentimento é uma fonte de transformação de ambos, porque nesta aproximação nem um dos dois se encontra e se descobre o mesmo, mas que se vêem um pelo outro transformados - e isto é o amor. (p.122.)*

Camões (1988) retrata, não só o que Lima expõe acima, a relação amorosa, mas o contexto da transferência, incluindo projeção e retirada da projeção, coisificação e a relação Eu - Tu:

***Transforma-se o amador na coisa amada,  
por virtude do muito imaginar:  
não tenho, logo, mais que desejar,  
pois em mim tenho a parte desejada.***

***Se nela está minha alma transformada,  
que mais deseja o corpo de alcançar,  
pois consigo tal alma está liada.***

***Mas esta linda e pura semidéia  
que, como um acidente em seu sujeito,  
assim coa alma minha se conforma,  
está no pensamento como idéia;  
e o vivo e puro amor de que sou feito,  
como a matéria simples busca a forma.***

(p. 301)

Este soneto mostra um diálogo interior, entre o inconsciente e o consciente, uma relação viva, com a voz do outro, que se manifesta em nós. É a tomada de consciência dos conteúdos projetados, favorecendo a constituição do ego, não mais depositando no outro para ser entendido. O outro favoreceu na tomada de consciência, pois o fez por comparação, por proximidade, não mais em fusão, em transferência arquetípica (no elo sentimental que se estabelece entre duas pessoas). Trabalho de

discriminação: quem sou eu e quem é você, pertinente à busca pessoal, com o indivíduo entrando na relação consigo e caminhando na individuação.

O papel do terapeuta a princípio, como diz a poesia ***Transforma-se o amador na coisa amada (...)***, é favorecer a transferência<sup>3</sup>. Os conteúdos inconscientes apresentam-se inicialmente projetados sobre pessoas e condições objetivas. O paciente ouve o analista manifestando conteúdos do próprio paciente, isto faz com que o paciente se conscientize, perceba os seus próprios conteúdos manifestos, estabelecendo um diálogo interno entre o seu consciente e o seu inconsciente. Não mais entre o seu inconsciente e o consciente do terapeuta.

***Por virtude do muito imaginar (...)***, enquanto não posso me conscientizar do que eu sou, crio uma imagem, a representação daquele que ainda não posso ser. Muitas projeções são integradas aos indivíduos pelo simples reconhecimento de que fazem parte do seu mundo subjetivo.

***(...) pois em mim tenho a parte desejada.*** A projeção não mais ocorre, com a integração da parte desejada. Houve uma transformação.

***Se nela está minha alma transformada (...)*** Suscita a tomada de consciência da alma e a existência do *corpo alcançar* a possibilidade da existência, a estruturação de ego.



Depois vai tomando posse de sua ***linda e pura semidéia***, criando uma relação de alteridade. Acaba a fase de transferência.

***(...) e o vivo e puro amor de que sou feito, como a matéria simples busca a forma.*** Como num processo alquímico, houve a transformação, a relação propiciou o encontro, unindo (***tal alma está liada***, ligada), *Logos e Eros*.

## **A TRANSFERÊNCIA NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA.**

Kast (1997), apresenta o objetivo terapêutico:

*O objetivo terapêutico é acolher os impulsos de desenvolvimento que surgem na psique. Com isso, o indivíduo ganha mais competência para lidar consigo e com os outros: ele entende melhor a si mesmo, inclusive seus lados obscuros, cujas projeções podem depois ser reconhecidas mais facilmente. O objetivo é tornar-se mais autônomo, mais capaz de se relacionar e cada vez mais autêntico. (p. 165.)*

Segundo C.G.Jung tal processo se dá quando o indivíduo pode lidar criativamente com os problemas e com seu próprio modo de ser, vivificando o inconsciente e seus símbolos, com o terapeuta se interessando pela personalidade do analisando, tanto pela sua natureza, como pelas suas possibilidades e bloqueios. Este interesse vivifica o

---

<sup>3</sup> *Transformar e transferência* possuem o mesmo prefixo, *trans-* que significa *além de, passar para*.

inconsciente e faz com que os símbolos sejam percebidos e adquiram relevância. Posteriormente precisam ser configurados e relacionados.

Essa vivificação do inconsciente, segundo Kast (1997), ocorre através da relação terapêutica, do *eu-tu*. Quando esta se dá num encontro concentrado, sagrado, num espaço terapêutico, propicia ao indivíduo aprender com o outro, podendo ser desenvolvidas novas possibilidades.

O Eu não existe isolado. O encontro com o outro nos dá a dimensão de nós mesmos, o outro é visto como meio de entrar em contato com nós mesmos. Martin Buber (*apud* Boechat, 1984), em seu livro *Eu e Tu*, descreve o “Eu-Tu” e o “Eu-Isso”:

*Quando o indivíduo diz “eu”, estará na verdade pronunciando “Eu-Tu” ou “Eu-Isso”. A real dimensão de nós mesmos nos é dada somente pela relação com um “Tu”, na relação de perfeita mutualidade “Eu-Tu”. (p.78.)*

Jacoby (1995), faz a relação de dois princípios presentes no relacionamento humano: o que se relaciona e o que sabe, Eros e Logos. O Eros é o nosso elo sentimental com outras pessoas, com a natureza ou com nós mesmos. O logos representa a capacidade de nos separarmos do mundo que nos rodeia, discriminando quem sou eu, o que é meu e o que é do outro. Sem a discriminação, o saber ser, existe uma fusão, e não uma relação entre um Eu separado e um você separado.

Hillman (1993) traduz para a vida o sentido da palavra psicoterapia:

A palavra grega **therapeia** também se refere a cuidar. A raiz é **dher** que significa carregar, sustentar, conter e relaciona-se com **dharma**, o sânscrito significando “hábito”, “costume” como “o que carrega”. O terapeuta é o que carrega e cuida como faz o empregado (grego = *theraps, therapon*). Ele é também alguém sobre quem se apoiar, em quem se segurar, e por quem se é sustentado, porque **dher** é também raiz de **thronos** = trono, lugar, cadeira. Tocamos aqui numa raiz etimológica do relacionamento analítico. A cadeira do terapeuta é, de fato, um poderoso trono, constelando dependência e projeções numinosas; mas o analisando também tem sua cadeira e o analista é, ao mesmo tempo, servo e apoio do analisando. Ambos estão emocionalmente envolvidos e a dependência é mútua. Esta dependência, contudo, não é pessoal, um dependendo do outro. É, antes, uma dependência da psique objetiva, a quem ambos servem juntos no processo terapêutico. Ao conduzir, ao prestar uma cuidadosa atenção e cuidar devotadamente da psique, o analista traduz para a vida o sentido da palavra **psicoterapia**. O psicoterapeuta é literalmente o criado da alma. (p. 134.)

Na relação analítica o eu não existe isolado. O outro, o terapeuta, se interessando pelos conteúdos do paciente, favorece que seu inconsciente manifeste símbolos para serem revelados. O encontro com o outro nos dá a noção de nós mesmos, permitindo acolher conteúdos psíquicos, nos reconhecendo com mais propriedade. Configurando-se um encontro entre duas pessoas num espaço/tempo, possibilitando a construção de um vínculo que favoreça a ambas uma profunda transformação, como experiência de cura. Esta relação propicia os fenômenos da transferência e da contratransferência.

Entende-se por transferência o movimento que o analisando faz ao transferir, para o terapeuta ou para a relação eu-tu, conteúdos de complexo, de padrões de relacionamento, como também de imagens arquetípicas.

Julgo necessário referendar o arquetípico, para não fixar somente no padrão de desenvolvimento, nas relações parentais, nos complexos, e sim numa história mais ampla.

Pereira (1999) no diz que

*Através da experiência arquetípica, podemos superar, em cada fato, o aspecto circunstancial, inscrevendo-o, enquanto significado, na história existencial do indivíduo. Portanto, preservamos os fatos tais como acontecem, e os encaramos, através dos padrões de organização - arquétipos - que não nos restringem ao momento presente, mas que nos coligam a história humana, mais ampla. (...) A noção arquetípica amplia a perspectiva existencial, através de temas mitológicos, permitindo ao indivíduo ir além do aprisionamento de uma visão linear, do aspecto biográfico, que reduz o símbolo, inserindo-o numa relação espaço/tempo, onde o sentido ultrapassa o reducionismo típico de uma visão causalista dos fatos. (p. 78s.)*

Estabelecida uma relação transferencial, se o terapeuta é acometido com uma reação emocional vivificada em si próprio em nível inconsciente, deu-se a contratransferência. Assinale-se que houve uma relação do inconsciente do analisando para o do terapeuta. A contratransferência pode também ser indício de uma *contaminação* psíquica de algum conteúdo do analisando, presente no terapeuta, ou

indício da captação de algum sentimento do analisando, detectado internamente no terapeuta. Esses processos inconscientes, por vezes uma inconsciente identidade de ambos, refletem imagens arquetípicas e/ou pessoais, que, ao serem experienciadas simbolicamente, podem se tornar conscientes, através da criatividade do terapeuta.

A relação terapêutica num processo simbólico se estabelece quando se sente realmente o analisando e se demonstra este ato de senti-lo.

O propósito da Psicologia Analítica é favorecer aprofundamento. A intensidade de sentimentos é proporcional à dor que afetou a vivência do indivíduo, conforme o terapeuta proporciona que o paciente entre em contato com o seu conteúdo psíquico, este pode reagir. O paciente pode transferir para o terapeuta sentimentos agressivos, medos existenciais, questionar a validade da terapia, podendo promover uma contratransferência se o terapeuta também estiver fixado em seus padrões arquetípicos; a tendência seria, então, reagir contra o paciente como defesa. Entretanto se o terapeuta ficar com o vivo, se relacionando com as imagens, poderá elaborar a situação se apresentando na relação para que o paciente também se relacione com o conteúdo inconsciente, relacionando-se com as imagens que este revela, a fim de conscientizá-las.

Emoções, imagens, lembranças, idéias, aparentemente fazendo sentido no nível do consciente, podem estar retratando experiências arquetípicas. Assim, terapeuta e analisando ficam se identificando um

com o outro inconscientemente, mas sem permitir o resgate da energia deste arquétipo para a reestruturação psíquica, ficam se relacionando no nível da consciência, sem propiciarem transformações e atuando no mundo conforme padrões, sem alteridade.

Segundo Hillman (1995) a tarefa da terapia é restituir os sentimentos pessoais (ansiedade, desejo, confusão, tédio e aflição) às imagens específicas que os contêm,

*A terapia tenta individualizar o rosto de cada emoção: o corpo do desejo, a face do medo, a situação de desespero. Sentimentos são imaginados nos seus pormenores. (p. 82.)*

Creio que, se o terapeuta se concentra na imagem que da contratransferência emana, ele terá indicações do modelo de relação do indivíduo com o mundo, desde que possa ter acesso a uma visão além do pessoal, às questões da alma, do ser no Universo.

Faz-se necessário estabelecer uma relação entre o eu e o não eu, para conseguir a relação eu - tu, a fim de que o paciente e o terapeuta possam ir se conscientizando de seus processos pessoais, descaracterizando mecanismos de identificação projetiva (medos, agressões e outros sentimentos que se voltam contra o analisando).

O terapeuta pode ter sentimentos arcaicos, assim como o paciente. Um reflete no outro. O terapeuta, ao se fixar nos seus sentimentos, recusa acolher os sentimentos do paciente, atuando na contratransferência. Se entrar em contato com os sentimentos que a

contratransferência emana, poderá expressar através de si o que o analisando vive como modelo de relação no mundo. A práxis alquímica diz: *igual cura igual (Similia similibus curantur.)*, para tal o terapeuta precisa se transformar a fim de favorecer a transformação.

No processo simbólico toda e qualquer imagem introduzida na relação, seja pelo analisando ou pelo terapeuta deve ser vista e relacionada, revelando as imagens arquetípicas para lidar com padrões fixos e aparentemente invisíveis. Para tal devemos nos aproximar de seus opostos, para integrá-los e para não nos atermos a seus conflitos. Por exemplo, se o analisando traz uma energia destrutiva e a transfere para o seu terapeuta, este, também entrando em contato com a sua e não a elaborando, reagirá contratransferencialmente, agredindo o analisando. Os dois podem estabelecer um eixo agressor - vítima (consciente) sem lidar com os pólos do conflito e suas imagens arquetípicas (inconsciente). Na verdade o destrutivo necessita entrar em contato com a agressividade ativa interna, mas não o terapeuta despejando a sua, contratransferencialmente. Uma maneira de o analista lidar com o problema é sentir o que acontece na relação e ao mesmo tempo tomar certa distância para poder olhá-lo sob outro prisma, para que não paralise o processo.

Um conto, um mito, as marionetes do self, um sonho ou uma imagem introduzida na relação terapêutica têm função de objeto transacional. Ambos deixam de se relacionar mutuamente e passam a olhar para um ponto localizado na realidade concreta cotidiana, através

da relação. Revelam elementos do inconsciente coletivo, arquetípicos, que ao serem conscientizados, facilitam ao indivíduo entrar em contato com os seus complexos, atuando na estrutura do eu, saindo da contratransferência arquetípica e entrando na relação eu - tu.

Para tal é necessário focar um espaço intermediário na relação, onde ambos possam se referir a ele, onde os sentimentos (dores, sofrimentos) e a história pessoal são inseridos num contexto maior (inconsciente coletivo). Como acrescenta Pereira (1999):

*As configurações, externas e internas, são interligadas por significados simbólicos comuns. O significado que surge não deriva nem do acontecimento externo nem do psicológico, mas, aparece como um terceiro elemento, supra-ordenado, modelador dos acontecimentos em evolução. (p. 81.)*

Ao invés de analisando e terapeuta ficarem se identificando com os aspectos do inconsciente coletivo vão transformar o invisível em visível, proporcionando uma transformação de símbolos.

Assim se interrompem a transferência e a, contratransferência. Os símbolos no nível subjetivo se tornam visíveis, estabelecendo-se uma relação consciente entre o mundo manifesto e o não manifesto. Para tal o terapeuta terá que perceber nele também o que está sendo transferido. Como diz Jung:

*Todas as dificuldades com que você depara em tal fantasia são a expressão simbólica de suas dificuldades psíquicas. E à medida que você as domina na imaginação, poderá vencê-las em sua psique. (Apud Hillman, 1995, p. 38.)*





## IV. CONTRATRANSFERÊNCIA.

---

Freud, em 1910, foi o primeiro a reconhecer algo de importante na contratransferência. Os sentimentos de contratransferência deveriam ser evitados e eliminados através da análise. Ele a viu como um perigo para o analista, pois este poderia perder a neutralidade nas interpretações dos conflitos inconscientes do paciente.

Em 1950, psicanalistas freudianos mostravam que a contratransferência poderia ser utilizada para revelar dinâmicas inconscientes que estivessem ocorrendo no paciente.

Racker em 1968, enfatiza,

*Que na situação analítica duas pessoas estão envolvidas - cada uma com uma parte saudável, um passado e um presente, e uma relação com fantasia e realidade. Ambos são ao mesmo tempo, um adulto e uma criança, sendo seus sentimentos com relação ao outro os de uma criança para com os pais e os dos pais para com a criança.(Apud Jacoby, 1965, p. 39.)*

O analista pode se comportar como uma pessoa do relacionamento da infância e o analisando como a criança em determinada situação de complexo, ou vice-versa, como nas suas

relações infantis. Assim, terapeuta e paciente vão repetir formas de relacionamento e ambos farão companhia um para o outro, numa relação colusiva, confusa, sem trabalhar para a identificação dos complexos, favorecendo a sua manutenção, permanecendo nos padrões infantis de relacionamento.

Jung (*apud* Jacoby, 1995), que não era da mesma opinião que Freud, com relação à contratransferência, aproxima-se do pensamento de Racker. Este faz lembrar o modelo de Jung sobre a inter-relação dialética entre dois parceiros.

Paula Heimann psicanalista, em 1950, traz para a literatura o valor positivo da contratransferência. Ela achava que

*A contratransferência encobria todos os sentimentos experimentados pelo analista com relação a seus pacientes. E sustentava que os analistas devem usar suas respostas emocionais aos pacientes como uma chave para entendê-los. Sua posição básica era a de que o inconsciente do analista entende o do paciente. (Apud Steinberg, 1995, p.33.)*

Jung em 1965, aproximadamente, fala sobre a relação terapêutica, preservando as emoções que lhe são pertinentes:

*Qualquer processo de caráter emocional imediatamente provoca processos semelhantes em outros. Em Psicologia da Transferência afirmou que o analista quase que literalmente incorpora e compartilha os sofrimentos de seus pacientes. Os sentimentos pessoais do analista são governados por aqueles mesmos conteúdos inconscientes que foram ativados no paciente. Este processo fornece uma oportunidade terapêutica,*

*se o analista for capaz de fazer os conteúdos transferidos se tornarem conscientes. Ao compreender o material ativado em si mesmo, ele poderá devolvê-lo ao paciente numa forma que possa ser integrada. (Apud Steinberg, 1995, p. 33.)*

O analista, através do conhecimento da psique e da própria imaginação, vivencia empaticamente o mundo do paciente e permite que sua própria psique reaja como reagiria a do paciente. Steinberg (1995), nos fala que

*Alguns dos importantes processos psicológicos que o analista usa ao tentar extrair significado dessas experiências de contratransferência, são: empatia, tentativa de identificação e imaginação. Se o analista possuir menos defesas que o paciente sua imaginação fornecerá associações - imagens, sentimentos e pensamentos que indicam que é inconsciente no paciente. Este é um processo inconsciente, de forma a poder entender alguma coisa sobre a outra pessoa. (p. 36.)*

A imagem de um sonho do próprio terapeuta, com conteúdo do paciente, exemplifica o que o paciente pode inocular no inconsciente do terapeuta, transferencialmente. Entretanto é necessário assinalar que a forma de trabalhar com este material na relação terapêutica requer corroboração e uma análise simbólica do material do paciente. Uma paciente me contou o seguinte sonho: *Estava dormindo no sonho e no real. Fui ligar a televisão e o controle não estava comigo, comecei a berrar: - Dééé, veeeeemmmmm cáááá. Davííí. Ninguém trazia o controle para mim. Acordei desesperada. Ao acordar parecia que algo entrou em mim. O corpo voltou. Este sonho me deixou pesarosa com*

relação ao estado de angústia da paciente, durante a sessão não conseguimos chegar a nenhum significado, o que foi vivido inconscientemente através do sonho que eu (terapeuta) tive: *Estava num terreno escuro, uma espécie de encruzilhada. Parei o carro, saí, veio um menino se aproximando. Sabia que não era coisa boa, fui me esquivando, um policial me mostrou que eu fiz bem. Que era mesmo para tomar cuidado. Vou andando por uma estrada de terra com homens na beirada. Sozinha, com receios, tinha que ir sem nem saber por quê e aonde. Na minha frente um rapaz parecido com um ex-paciente (masculino, tranqüilo) põe uma tesoura (parece cirúrgica, muito comprida e fina) por dentro da calça. Vou caminhando, com receio. Vejo a paciente indo com toda a "coragem", cabeça erguida, falando: "Vamos lá. Eu não quero ir, mas lá vai ter um encontro revimetal.* Este sonho permitiu me conscientizar dos movimentos que a angustiam: o controle de seus sentimentos que (aparece em seu próprio sonho) precisa ter para atuar com o que chama de *coragem*, o peso das situações e a impossibilidade de entrar em contato com sua fragilidade. Interessantes o revimetal e o instrumento cirúrgico, pois ela é militar e enfermeira. Foi vivenciada uma contratransferência da parte da terapeuta, colaborando para a compreensão da psique da paciente, apresentando seus conteúdos e, por conseqüência, caminho de conduta na relação.

O analista pode assistir ao seu paciente até onde o seu desenvolvimento psíquico alcançar. Jung foi um dos primeiros a

reconhecer as dificuldades que surgem dos conflitos infantis não-resolvidos do analista. Já em 1912 escrevia que

*Uma análise bem sucedida dependia de até onde o próprio analista fez análise. Se ele mesmo tem um tipo infantil de desejo do qual ainda está inconsciente, nunca será capaz de abrir os olhos de seus pacientes para esse perigo. (Apud Steinberg, 1995, p. 38.)*

O encontro de duas personalidades, a do terapeuta com a do paciente, quando se dá, é como o encontro de duas substâncias químicas diferentes, provoca uma reação e uma transformação. De todo o jeito, o paciente vai exercer sua influência, inconscientemente, sobre o médico, e provocar mudanças em seu inconsciente. Um dos fenômenos mais conhecidos desse tipo é a **contratransferência** provocada pela transferência.

Em 1935 Jung observou que

*Os pacientes inconscientemente ligam suas projeções a vulnerabilidades semelhantes que percebem no analista. Ele alertava que as emoções dos pacientes são muito contagiosas, quando os conteúdos que o paciente projeta sobre o analista são idênticos aos próprios conteúdos inconscientes do analista. Ocorrendo a *participation mystique*, uma condição de mútua inconsciência baseada em projeção recíproca que não permite percepções. Ocorre a transferência, mas ela não pode ser interpretada, pois, inconscientemente, o analista está de conluio com o paciente. (Apud Steinberg, 1995, p. 38.)*

As emoções dos pacientes são sempre ligeiramente contagiosas e isto se acentua cada vez mais quando os conteúdos que o paciente projeta são idênticos aos elementos do inconsciente do próprio terapeuta. Assim ambos se encontram num processo inconsciente e entram num estado de participação. É o fenômeno que Freud denominou contratransferência. Consiste numa projeção mútua e no fato de se sentirem ambos amarrados na mesma inconsciência. A participação é uma característica da psicologia primitiva, ou seja, do plano psicológico onde não há discriminação consciente entre sujeito e objeto. Tal estado é o fator mais confuso para analista e paciente; perde-se toda a orientação. Se o analista não se mantiver objetivamente em contacto com o seu inconsciente, não haverá a garantia de que o paciente não venha a cair no inconsciente do analista. O analista tem um ponto de fraqueza, neste alvo é que poderá ser atingido, pois encontra-se também inconsciente; por esta razão fará, possivelmente as mesmas projeções que o paciente. Ocorre o que Jung denomina de *participacion mystique*, paciente e analista participam do mesmo movimento inconsciente, o que está sendo relatado é palco de contaminação psíquica.

O analista pode estar fixado em um dos pólos da forma de relacionamento na sua vida, por padrões estereotipados, fixando-se a partir de seus complexos. O complexo surge de uma exigência de adaptação e a inadequação do indivíduo querendo suprir essa exigência.

Kast (1997), introduz o termo **transferência-contratransferência colusiva**:

*Ela ocorre quando o comportamento do/a analista é determinado de maneira polarizadora pelo comportamento do/a analisando/a . Mesmo que o/a analista fique consciente desse processo, inicialmente não se pode modificar o comportamento. (p. 180.)*

Fordham desenvolve os conceitos de Jung e fala de **ilusões de contratransferência**:

*Quando os analistas projetam seus conflitos inconscientes e então os vivenciam como se pertencessem ao paciente. Inversamente, os analistas podem introjetá-los e identificar-se com uma parte do inconsciente do paciente.(Apud Jacoby, 1995, p. 40.)*

Resultará numa negação da verdadeira identidade do paciente e em tentativas manipuladoras do analista fazer com que o paciente se encaixe na sua ilusão.

Conscientemente e, em geral inconscientemente, o paciente percebe e detecta os problemas do analista, os absorve através da identificação introjetiva ou recusa-se a absorvê-los e, por vezes, envolve-se em esforços para curar o analista através de confrontos e interpretações, usualmente inconscientes. Silenciosamente o analista pode beneficiar-se bastante com esses esforços sem especificamente se dar conta da sua presença.

Cabe ao analista sentir o paciente e se relacionar na sua alteridade, num Eu-Você, devendo também ter capacidade de se relacionar na alteridade de seus analisandos. É necessário estar o mais consciente possível a respeito das maneiras como o terapeuta poderia



estar utilizando seus pacientes: a fim de satisfazer suas necessidades pessoais ou como objetos dos seus próprios temores.

Money-Kyrle (*apud* Boechat, 1984.) usa a expressão **contra-transferência normal**, vendo no fenômeno da transferência e da contra-transferência algo não só normal, como inevitável dentro de um continuum psíquico sempre presente na situação analítica. Assim sendo, a contra-transferência deixa de ser algo indesejável que deve ser submetido a rígido controle e passa a ser fonte de informação sobre o processo terapêutico.

Se nos fixarmos na contratransferência, nos ateremos aos danos que pode causar para a relação, aprisionando tanto terapeuta como cliente. Entretanto, se criarmos disponibilidades para lidar com os sinais que nos apresenta, ela pode fornecer informações úteis sobre o analista e sobre o paciente, em benefício da análise.

Steinberg (1995), mostra a **contratransferência arquetípica** de duas maneiras:

*Conteúdos arquetípicos são projetados sobre o analista, e o próprio processo de transferência é em si mesmo arquetípico, visto que uma evolução objetiva, rumo à individuação, lhe é inerente. (...) Qualquer arquétipo que seja estimulado afetará os sentimentos do analista quanto ao paciente. Contratransferências arquetípicas podem ser úteis ou destrutivas, dependendo da relação do analista àquele determinado conteúdo constelado no seu inconsciente. (p. 44.)*

Jung considerou que apenas na transferência e na contratransferência pode ocorrer uma integração, viu ambas como símbolo da necessidade de união entre o consciente e o inconsciente, com o analista vivenciando e representando o inconsciente projetado do paciente.

Através de um relacionamento analítico, o paciente passa por um processo de individuação, onde o ego e o inconsciente num constante relacionamento propiciaram experiências, favorecendo a coniunctio. Conflitos pessoais de amor e ódio, desejo e medo são vivenciados e conteúdos reprimidos na sombra serão projetados transferencialmente, podendo acarretar uma transferência positiva ou negativa e resultar em contratransferência.

Para Jung a transferência negativa é a oportunidade para se separar da identificação com valores parentais inconscientemente e construir a própria identidade:

*Não é apenas um desejo infantil de insubordinação; é uma poderosa necessidade de desenvolver a própria personalidade e a luta para que isto ocorra é uma tarefa imperiosa. (Apud Steinberg, 1995, p. 45.)*

A transferência positiva, para Jung

*Serve ao objetivo de ligar o paciente ao analista, de forma que possa ocorrer a evolução de novas e mais saudáveis adaptações, e não só de reproduzir projeções infantis. (Apud Steinberg, 1995, p. 45.)*

Um analista, se autêntico, recebe um chamado interior, ao escolher sua profissão, que deve ser exercida para o bem de seu processo de individuação. O seu Si-mesmo, por assim dizer, requer que ele seja um analista, e um analista necessita de pessoas para analisar. Dessa maneira, extrai satisfação da sua profissão para seu próprio bem-estar; ela é necessária para seu desenvolvimento psíquico.

Jacoby (1995), aponta várias maneiras de nos relacionarmos com a contratransferência:

*Numa relação Eu-Você, onde posso levar meu parceiro a sério, eu lhe devo a minha honestidade; posso contar-lhe como o seu comportamento me afeta. Não tenho de representar a pessoa invulnerável, posso reagir como um ser humano. Contudo, na situação analítica, naturalmente, eu não censuraria um paciente por me irritar. Eu encararia minha reação como um indício de que a dinâmica do inconsciente estaria agindo entre nós e tentaria elucidá-la junto com ele. Nesse sentido, estamos ambos em análise, como Jung declarou várias vezes. (...) Acredito que seja igualmente importante para o analisando observar que o analista também está pesquisando seus próprios motivos inconscientes e não apenas colocando tudo em cima do paciente. (p. 95.)*

A relação Eu-Você do analista com seu analisando consiste em sentir-se dentro da experiência interior do paciente, significa a possibilidade de olhar para ele do lado de fora, controlando a própria empatia, relacionando-a com o contexto global da psicologia e da fase de desenvolvimento do paciente. Para tornar-se um analista tem-se de ser razoavelmente estável e bem-equilibrado, capaz de enfrentar com sucesso as manifestações da sua própria neurose, numa análise é

condição *sine qua non*. Experiência a respeito da vida em geral também é necessária. Jung aponta:

*Qualquer pessoa que deseje conhecer a psique humana não aprenderá quase nada a partir da psicologia experimental. Seria melhor que abandonasse sua beca, desse adeus a seus estudos, e vagasse pelo mundo com o coração aberto. Ali, no horror das prisões, em asilos de loucos e em hospitais, em monótonos botequins suburbanos, em bordéis e casas de jogos, nos salões elegantes, na Bolsa de Valores, nas reuniões dos socialistas, nas igrejas, nas assembléias dos evangelistas e nas seitas extáticas, através do amor e do ódio, pela experiência da paixão, em todas as suas formas no seu próprio corpo, ela colheria mais provisões de conhecimento do que em livros de 30 centímetros de espessura, e aprenderia como tratar dos doentes com um verdadeiro conhecimento da alma humana. (Apud Jacoby, 1995, p.102.)*

Quando se toma um dado como verdadeiro, sem perceber qual o significado, perde-se contato com a realidade manifesta e projeta-se uma outra realidade, atuando contratransferencialmente, na relação com o paciente, em decorrência do que foi suscitado no analista. A contratransferência pode ser útil para se conscientizar de que há interferências de conteúdos psíquicos na relação e, a partir da percepção de reações emocionais, para se conscientizar e para propiciar o desenvolvimento do que foi apontado pela própria contratransferência.

Todas as providências que o terapeuta quiser tomar para se apresentar diante do outro podem ser englobadas numa única verdade, dita por Jung (1981):

*Você tem que ser a pessoa com a qual você quer influir sobre o seu paciente. A palavra, a mera palavra, sempre foi considerada vã. Simplesmente não existe estratagema, por mais engenhoso que seja, capaz de burlar sistematicamente esta verdade. Não é o objeto da convicção que importa; o que sempre foi eficaz é o fato de se ter uma convicção. (XVI/1, p. 68s.)*

O poema de Raulito, encontrado num cartão do Projeto João Girassol - Vale do Paraíba - SP, demonstra a importância de se ter convicção na forma do terapeuta se apresentar ao paciente:

**você  
vai  
tirar  
minha  
roupa  
toda  
ou  
só  
metade**

**e  
eu  
que  
me  
entreguei  
toda**

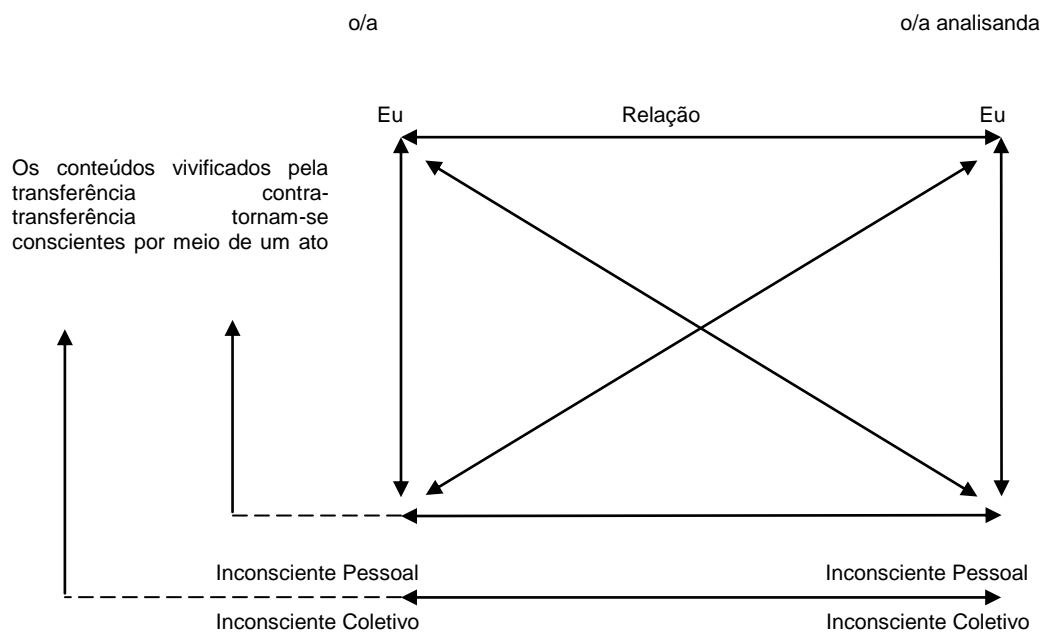
**estou  
metade**

O paciente quando chega ao consultório acredita que o analista está inteiro e assim o projeta. Quando o terapeuta não entra na relação ou só olha metade ou para um dos pólos que o ego do analista aponta, ele não atinge o outro, fica de fora, não sendo atingido pelo outro, mantém o outro fora da relação.

É necessário estar em contato com as próprias percepções e sentimentos, para refletir o que acontece com o terapeuta e com o paciente. Se esbarrou em algo pessoal, do terapeuta, deve reconhecer e voltar a trabalhar com o paciente. Pode servir para orientá-lo por onde caminhar com o outro.

A contratransferência atua em função do conteúdo que não é dominado, é sempre inconsciente, se dá através da tensão criada entre o que o paciente traz e o que o terapeuta sente ou deseja. Por isto é necessário o terapeuta se ver sempre na relação para também se concatenar com os vários aspectos que possam surgir, nele próprio e na relação.

Kast apresenta um esquema de transferência-contratransferência, baseado no de Jung:



\* nas linhas de cruzamento do centro da relação temos: Transferência – Contratransferência – Projeção.

A relação terapêutica se dá através do encontro do analista que se percebe como pessoa e, como tal, entra em contato com o paciente.

Kast (1997) diz o que entende por contratransferência:

*Entendo a reação emocional do/a analista ao analisando/a, particularmente as situações de transferência. Parece existir uma estranha relação ou fusão entre o inconsciente do/a analista e o do/a analisando/a. Esse inconsciente comum é percebido como atmosfera da relação na relação analítica. Ela também poderia ser o motivo pelo qual é possível uma “contaminação” psíquica, na medida em que o/a analista sente corporalmente o medo não detectado ou expresso do/a analisando/a; essa relação inconsciente é pressuposto para o que denominamos contratransferência e, no melhor dos casos, é fundamento para a possibilidade de o/a analisando/a participar da auto-regulação do/a analista (quando ela funciona no/a analista). Esses processos inconscientes, talvez até mesmo essa inconsciente identidade de ambos, permitem que as constelações arquetípicas e as de complexos possam ser percebidas pelo consciente do/a analista, em sua psique. E também lhe possibilitam encontrar uma imagem arquetípica ou pessoal para essas vibrações emocionais, de modo que uma situação simbólica possa tornar-se consciente por meio de um ato criativo do/a analista. Nessas situações, o/a analisando/a sente-se compreendido. Ou seja, uma importante experiência emocional foi reconhecida, entendida sob uma forma e recebeu uma resposta, a saber: ela pode contribuir para a autocompreensão do/a analisando/a, e para a compreensão de sua situação. Em particular, ele tem a impressão de poder ser compreendido. (p.168.)*

## V. O SIGNIFICADO DA CURA NA RELAÇÃO TRANSFERENCIAL.

---

### ***A imagem arquetípica do médico ferido.***

Groesbeck (1983) nos mostra a existência do *arquétipo* “médico/paciente”, toda vez que uma pessoa fica doente e procura um médico concretamente e projeta nele a possibilidade de ser curado, é mobilizado dentro do doente, intra-psiquicamente, o fator cura. Isto significa que tanto o médico como o paciente possuem o poder de cura, ou seja “um médico interior” dentro de si.

Na lenda de Epidauro,

*Apolo unia-se a Corônis, vindo esta dar à luz um filho que logo em seguida ela abandona no Monte Títon, famoso pelas virtudes medicinais de suas plantas. Ali, cabras o amamentam e um cão o protege. Quando o pastor das cabras o encontra, ouve-se uma voz proclamar sobre a terra e sobre o mar que aquele recém nascido viria a encontrar cura para todas as doenças e ressuscitaria os mortos. Esculápio é entregue a Chíron, o centauro, para ser educado. Chíron já é conhecido e versado na arte de curar (...). O deus metade homem, metade animal, sofre eternamente de sua ferida. (Apud Groesbeck, 1983, p.74.)*

Esculápio é fruto de vida (união de Apolo com Corônis) e morte (abandono), de aspectos luminosos e sombrios. Embora exista a ferida



do abandono da mãe pessoal, Esculápio é acolhido pelo arquétipo da Grande Mãe (terra com plantas curativas, o Monte Títon, e animais que alimentam e protegem). Aspecto curador reintegrado através da sua relação com Chíron, onde vai exercitar a arte de curar através da própria vivência: através da morte, da dor, propiciar o encontro com aspectos luminosos, a vida. Integrando os pólos morte e vida, ferida e cura.

O princípio deste mitologema (curador ferido), evidenciado através deste mito nos propicia refletir na necessidade de ter consciência de nossas feridas. Aquele que se propõe a trabalhar com elas ou a partir delas vai experimentá-las permanentemente. Como no paradoxo, que Groesbeck (1983) estabelece:

*Aquele que está sempre curando permanece eternamente doente ou ferido. (p. 74.)*

A cura pode vir da dialética da análise, que propicia a consciência. O curador representa a consciência, o herói que traz a luz. O arquétipo do curador não depende de um método e sim de concentração, clarificação, iluminação e visão que propiciem horizontes espirituais mais amplos.

Numa relação terapêutica é necessário que terapeuta e analisando entrem em contato com o seu “médico interior”, assim como é necessário entrar em contato com o próprio lado ferido, para que a relação não se mantenha na base das projeções, considerando que o outro é o médico ou o ferido e não ele próprio. Não retirando a projeção, não se dá a homeostase, equilíbrio interno da polaridade das imagens

arquetípicas. Propiciando uma relação de poder, atuando através de manipulações, a ferida se instala na sombra, o terapeuta se designa como sendo o que cura e projetando no paciente a doença. Agindo defensivamente, na contratransferência, o analista, a fim de negar suas próprias feridas, acaba por desejar não lidar com as do paciente, favorecendo que este permaneça com elas para que o terapeuta se sinta sadio, tentando não vivenciar as próprias vulnerabilidades, bloqueando seus conteúdos inconscientes, como os do paciente, ficando bem, à medida em que mantém o paciente mal.

Na relação terapêutica, o terapeuta deve manter contato com seus conteúdos inconscientes para que o processo terapêutico possa ocorrer e não se transforme numa forja.

Considerando a doença com dignidade, conferimos o poder curativo através dela própria. Analista e paciente passam a ser doença e remédio também, *semelhante é curado pelo semelhante. (Similia similibus curantur)*. Analista e paciente se beneficiarão desta ferida se tiverem consciência e discriminação do que lhes acomete e não se prenderem em idealizações e projeções de poder e cura. É necessário levar em conta a totalidade da vida do paciente e do analista.

Cabe ao terapeuta se ater à queixa principal do paciente e favorecê-lo, a partir da relação que ocorra, com uma reestruturação de sua dinâmica psíquica. Por vezes o paciente não vem buscar a alteridade e sim saber lidar com a sua invalidez. Se não focar na queixa do paciente, forja-se uma cura, baseada no interesse do terapeuta e não no

do paciente. O primeiro atua contratransferencialmente pois a necessidade de alteridade é dele próprio ou de sua ferida.

Jacoby (1984), diz que há uma relação entre o inconsciente do terapeuta e do paciente, levando fatores ocultos para ambos. Jung descreveu esse estado de *participacion mystique* ou de identidade. Área de inconsciência comum entre os dois parceiros, nela ambos podem se tornar presas de um arquétipo, como o do curador.

Jung em Psicologia da Transferência enfatiza que,

*O processo de mudança e transformação ocorre primariamente no inconsciente. Sua ênfase recai sobre o relacionamento inconsciente entre analista e paciente que determinaria os resultados. (...) Jung descreve um processo dinâmico, fluido, dentro da transferência, em que as mudanças podem acontecer. Uma “Terceira Pessoa” ou Imagem Arquetípica, com sua polaridade de opostos, surge entre os participantes. (Apud Groesbeck, 1983, p. 80.)*

### ***As polaridades saúde/doença.***

Jung define arquétipo como

*Um padrão inato de comportamento numa situação clássica, tipicamente humana. (Apud Guggenbühl-Craig, 1983, p.99.)*

O ser humano sempre apresenta algo com que não se sente bem ou com que se sente mal: um sintoma, uma imagem, uma vivência lhe

dão a sensação de que não está indo bem. É como se alguma coisa lhe desafiasse a própria vontade de sempre se sentir bem.

Adolf Guggenbühl-Craig (1983), denominou o descrito acima como sendo o arquétipo do inválido. Sua colocação:

*A invalidez certamente sempre nos acompanhou. Todos os seres humanos já nascem com estas deficiências graças a certas infecções intra-uterinas, à hereditariedade, ou a qualquer outra causa. Além disso, à medida que a vida passa, nos tornamos “estragados”, cada vez mais “invalidados”, continuamente há algo sendo destruído, algo permanentemente em desarranjo. (...) ou, ainda, o funcionamento é pobre em virtude das feridas na alma ou lacunas inatas. Ter que viver com e reagir a partir de uma deficiência é certamente uma situação humana, em muitos aspectos uma situação arquetípica.(p.99.)*

Cura e saúde têm a mesma etimologia no alemão: *heilag*, total, completo. Por inúmeras vezes queremos tornar os nossos pacientes completos, psicologicamente, dentro de um ideal que criamos de cura e saúde. Entretanto é inerente ao ser humano nunca se tornar completamente são e não conseguiremos contrariar esta inerência. Podemos favorecer que integrem aspectos saudáveis, destrutivos e construtivos à consciência para se mostrar inteiro e se relacionar plenamente com o que mais lhe ocorrer.

A saúde é coletivamente bem aceita por ser um dado positivo, oculta-se o negativo e o todo é identificado só pelo lado saudável. A doença é, enquanto possível, reprimida, ou não é aceita. Por isso não tomamos consciência deste arquétipo, permanecendo inconscientes.

Manter o enfoque somente na saúde faz com que não vejamos a totalidade do paciente mantendo-o na unilateralidade.

É necessário que o analista revele ao paciente a unilateralidade: o desejo de viver a saúde sem se defrontar com a doença, para possibilitar um aumento de consciência e portanto de alterações de imagens. Pereira (1990), nos diz das possibilidades e realizações que a relação com as polaridades propicia. Assim coloca:

*Revelando este interjogo entre atitudes habituais e possibilidades novas, sem criar barreiras entre elas, as imagens eliciam um aprendizado instantâneo de novos comportamentos frente à realidade externa e interna, conduzindo a uma mudança de atitude. ( p. 307.)*

O contato com a imagem arquetípica aumenta a consciência do paciente, dando-lhe mais possibilidades de se relacionar consigo mesmo e portanto com o coletivo, alterando a imagem original e favorecendo o surgimento de outras imagens.

Os arquétipos são criativos somente com Eros. Para terapeutas não se tornarem inválidos na relação, é necessário que se apresentem com Eros. Receba, acolha, respeite e caminhe com o outro como ele puder, discriminando, mostrando, rumo à consciência, para que não se torne um tirano; se isto ocorrer, ele e o paciente passarão a ser brutais e trapaceiros nas relações consigo próprios e com os outros. O inválido sem Eros é desesperançoso e melancólico, mal humorado e mal amado por si, por todos.

Para que o paciente tenha a experiência da imagem arquetípica dentro do processo terapêutico, é necessário que o terapeuta lhe mostre o caminho. Isto só pode ocorrer quando o analista vivencia os próprios conteúdos arquetípicos, tendo conhecimento e participação de suas próprias feridas incuráveis.

Através da própria reflexão consciente é que o analista está pronto para re-experenciar dinamicamente o aspecto curador do arquétipo e desta forma o fenômeno da totalidade ou cura pode torna-se efetivo. Groesbeck (1983) diz:

*São terapeutas em que o arquétipo não se encontra dividido. O tempo todo estão sendo, por assim dizer, analisados e iluminados por seus pacientes. Um analista deste tipo reconhece sempre de novo como as dificuldades do paciente constelam seus próprios problemas e vice-versa, o que o levam a trabalhar abertamente não apenas a problemática do paciente mas também a sua própria. Nunca deixa de ser tanto um médico quanto um paciente. ( p.83.)*

Vejamos o que acontece com o paciente. Segundo Groesbeck (1983):

*Toma para si as forças curadoras do analista e começa também a ter a experiência dos conteúdos do aspecto “curador” da imagem arquetípica. Isso por sua vez ativa a própria energia e potência curativa do paciente e começa a tomar parte ativamente no processo terapêutico. Consegue “distanciar-se” e ganha uma nova perspectiva. Começa ele próprio a participar da cura. Fica carregado energeticamente em relação a conteúdos do aspecto*

*“ferido” da imagem arquetípica do, mais uma vez, ‘médico interior’ e a experiência de totalidade se constela.*(p. 83.)

O processo ocorre da seguinte maneira: analista e paciente encontram-se em um nível consciente. Cada um deles identifica-se com apenas um dos aspectos da imagem do médico-ferido; o médico com o lado que cura e o paciente com o lado que está ferido. Em um nível inconsciente poder-se-ia também dizer que a imagem arquetípica encontra-se em repouso, estando cada participante aí também identificado apenas com um dos pólos da imagem.

Como o processo analítico mantém uma relação dinâmica, o analista “toma para si” a doença e as feridas do paciente e começa a experimentar, de maneira mais plena, o lado ferido da imagem arquetípica. Isto, por sua vez, ativa as suas próprias feridas, sua vulnerabilidade à doença em um nível pessoal e/ou em conexão com a imagem arquetípica do médico-ferido.

Groesbeck (1983) nos aponta a saída psíquica para tal relação:

*Só quando o médico tiver sido tocado profundamente pela doença, infectado por ela, mobilizado, amedrontado, comovido; só quando ela tiver se transferido para ele, continuado nele e obtido um referencial em sua própria consciência - só então e só nessa medida poderá lidar com ela eficazmente.* (p.83.)

O que ocorre na fase final do processo analítico é que o médico fica sendo um “curador que é ferido”; a imagem arquetípica do médico-ferido permanece a mesma, e o paciente tem a sua ferida transformada.

## VI. IMAGINAR É REALIDADE.

---

*Vem cá.  
Vamos tomar café  
e fazer sonhos.  
Um aquece  
e o outro  
leva a tristeza embora.*

Num processo terapêutico, considero um convite para o terapeuta sentar-se ao lado de quem busca a si mesmo, ao lado do cliente, aquecendo a alma. Convite para o aquecimento de construção de sonhos. Terapeuta e cliente estudarão a construção, buscando compreensão, significado e observarão os movimentos pertinentes a tal jornada, buscando a transformação. Este é o convite feito para realizar a caminhada por uma vereda sem fim. O café aquece e o sonho leva a tristeza embora, ambos criam possibilidades. Ao pensar que imaginar é realidade, ambos em movimento e em relação, propiciam transformação, concretizam possibilidades.

Como está contido no conto: ***Transformava sentimentos doloridos, tristezas, mágoas, melancolias, desilusões em bem querer a si mesmo e, assim, conseguir lutar pelo desejado.***



Libertando o ser para que encontre o que já era, favorecendo o paciente a compreender quem ele é, a partir do ato de sua criação; ajudando o paciente a *ser* aquele homem ou aquela mulher, a partir da sua própria existência, considerando toda a multiplicidade de elementos vividos, não rejeitando ou depreciando nada, não polarizando nenhum aspecto, para possibilitar o processo de integração de si mesmo, ampliando o campo de consciência, com o ego abarcando esta multiplicidade e atingindo a totalidade, aqui, não se faz reconstrução, encontra-se a possibilidade de existir: ***Quem não sonha não sabe o que quer.***

Dando continuidade ao conto, depois do aquecimento vem a iniciação para fazer sonhos, onde o outro introduz a possibilidade: ***Aí ela me contava os seus sonhos, vividos, não vividos, por viver. Assim me ensinava a sonhar (...)*** Um encontro terapêutico é como um abrigo, onde se cria espaço para um diálogo com o outro e consigo próprio; para contar e ouvir histórias pessoais e de outros, histórias afáveis e monstruosas; espaço para fantasiar e contar sonhos.

Ao entrar em contato com os sonhos nos aproximamos de nossas origens, reacendendo o sentido existencial. Os sonhos são a ponte de ligação entre o mundo das possibilidades (Self) e o mundo consciente (ego), alimentam a vida consciente; quando revelados e compreendidos possibilitam ao ego direcionar sua energia às suas potencialidades, trabalhando para a realização delas, atingindo suas necessidades dentro do processo de individuação.

Para que fazer sonhos? Para ter consciência das possibilidades e assim ativar a psique, numa conexão com a capacidade criativa. Os símbolos, trazidos pelos sonhos conscientizados, são manifestados no mundo concreto e ativam energia, assim são considerados como transformadores de energia.

No processo o terapeuta está a serviço do paciente, para que este possa contar toda a sua história: a vivida, a não vivida e a por viver. Favorecendo, que o paciente seja o seu maior interessado e responsável pela co-autoria de seu próprio destino. Para tal é necessário que se acolha o paciente com tudo que ele traz, que se desenvolva intimidade e confiança, aquecendo e compartilhando histórias, permitindo sonhar e fantasiar, para posterior discriminação de valores, de padrões fixos que paralisam, de novos padrões, de tesouros escondidos, de objetos a serem usados ou descartados.

Estar com o outro, propiciar que ele se aqueça e faça sonhos é um trabalho egóico, que permite se conduzir pelos símbolos, seguindo as indicações trazidas, percebendo e revelando as imagens que o inconsciente provoca. Assim propicia-se confronto e assimilação das várias facetas da natureza do indivíduo, resgata-se a força contida no inconsciente, com o ego livre para realizar o desenvolvimento psíquico, com possibilidade de conquista do próprio centro.

Com a possibilidade de sonhar, cria-se uma disponibilidade para o encontro com os símbolos. Voltando ao conto, ele nos diz: (...) ***Na sorte não existiam sonhos, existiam possibilidades, impossibilidades,***

***existia dor, morte, sorte, paixões, traições, namorados, querereres; decepções, intrigas, cuidados, amores desfeitos e refeitos (...)*** Os símbolos representados através da sorte, cartas do Tarô revelando o inconsciente, iam conciliando as possibilidades de vivenciar a existência dos pólos contrários, favorecendo o exercício da integração destes pólos à consciência, equilibrando a relação do consciente com o inconsciente, favorecendo uma transformação da personalidade.

O caminho pelos símbolos permite aproximação com a vida instintiva por rebaixar a atitude racional consciente, propicia uma conexão com a existência da alma. No conto há uma história onde se caça o medo. Uma história de paixão e medo, instintiva.

O medo é ambíguo. Inerente à nossa natureza, é defesa essencial, garantia contra os perigos, reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte. Mas ao ultrapassar uma dose suportável, imobiliza, estagna a alma. Pode-se morrer de medo, ou ser paralisado por ele.

O medo de perder o amor da filha afastava outros medos como ***monstros, solidão, ausência de sonhos, medo de perder e de se perder.*** Instintivamente o amor materno, ao sair em resgate da filha, conscientizado, se torna criativamente agressivo, enfrenta onça e outros bichos, o que fortalece o ego, criando possibilidades para enfrentar outros medos.

Nesta busca muitos medos aparecem, no conto acendeu-se uma fogueira, para aquecer a alma e afugentá-los. ***Mas ninguém se esquentou o bastante e apareceu uma onça.***

A ambigüidade do medo, recuo e coragem, aparece através do símbolo da onça, com a integração dos pólos, permitindo lidar com o medo: se você tem medo, precisa ir atrás, comer um pedaço da onça, acabar com ela, se não ela acaba com você. E ao se descobrir com fome, integre-se, comendo a onça, digerindo o medo. Identificar-se com ela é entrar em contato com o impulso agressivo, temer sem se paralisar é apurar o impulso e resgatar a força feminina sem destruir, transformando, revelando o medo: ***O medo é encantado e poderoso.*** O medo de perder e de se perder impulsiona a coragem para enfrentar outros medos, alimenta.

Ao incorporar a qualidade de um animal, com o qual se identifica, cria-se um acesso aos instintos, possibilitando uma ampliação da consciência. A mensagem característica de um animal é uma referência externa para um sentimento interno. A relação do homem com o mundo animal é um reflexo da relação entre sua consciência e seus instintos. Não reprimindo o instinto, não é necessário destruir a imagem do animal, como símbolo.

O encontro com a onça retrata o modo como a mulher, frente a situações limite, exaurida de suas defesas, precisa fazer uso da agressividade, integrando qualidades até então inconscientes, enriquecendo a sua personalidade, ao lutar “ferozmente” por suas

necessidades. Transformando-se em onça, ou melhor ganhando consciência ao integrá-la. A onça tem o poder de ver no escuro, como poder de clarividência, ilumina o inconsciente, vê o desconhecido.

***Provar uma vez só não basta, é preciso saber mais.*** Assim está contido no conto, entretanto provar mais é uma maneira de, a pessoa trabalhar a situação externa e buscar reconhecer a conexão que ela traz com o todo da própria vida. O desenvolvimento do indivíduo é feito de forma gradativa, então é preciso saber mais, acompanhando os fatos, as imagens contidas nas histórias, delineando o processo existencial, favorecendo o encontro do inconsciente com o consciente, encontrando elos que serão descobertos e revelados pelo ego.

As imagens revelam que um mesmo elemento carrega possibilidades de “ameaça” e “força”, como se encontra na imagem do medo e no simbolismo da onça. Ela carrega possibilidades opostas: coragem e medo. Nesta situação a solução encontrada é se defrontar com o elemento, integrá-lo e ganhar força ao invés de medo, transcender.

***Um dia alguém lhe disse que (...) parasse de ser o que era e se transformasse numa coisa só. (...) Ser uma coisa só era não - viver, era ficar sem os seus alimentos.*** Ser uma coisa só solicita a unilateralidade, levando à falta de liberdade, sem poder articular criativamente a sua sabedoria, sem poder transitar por todos os seus elementos, seus alimentos, para ativar suas possibilidades: ***(...) ficar viva, sem viver o que ela era, não bastava para essa mulher.***

Durante a jornada da vida, por inúmeras vezes, a pessoa se julga perdida. Na análise o papel do terapeuta é fazer companhia para o paciente, este último vai transferir confiança para o terapeuta, e depois resgatar em si. É necessário retomar a confiança, num esforço consciente, considerar os ciclos de altos e baixos, como duas faces do fenômeno de crescimento. Se não julgar nenhum dos fenômenos, o que parece veneno é alimento.

Nesta busca o desespero vai aparecer. Por inúmeras vezes, a esperança do analista, ou melhor, o seu desejo é encontrar um poderoso antídoto contra o desespero, assim atua contratransferencialmente. Entretanto o desespero abre possibilidade ao encontro consigo mesmo. O sofrimento do indivíduo não tem como ser aliviado. As pessoas precisam falar daquilo que as machucou. Ocultar um aspecto do indivíduo para que ele não viva isto ou aquilo, potencializa o aspecto, este cria autonomia. Ao contrário, a vivência integral de um aspecto permite a conexão com os outros, vivendo a totalidade.

No conto, a dor que não podia suportar, ***não poder ser o que era***, a mobiliza a procurar um veneno, algo que a tirasse da vida unilateral atingindo o mundo eterno, tornando a vivência eterna e terna de todos os elementos, em outro plano, transcendendo, se libertando, já que no mundo terreno estava se sentindo impossibilitada. Ali se sentia em guerra: vivendo em dois mundos dentro de si, um em desesperança e o outro procurando esperança. Num, convencida que não ser não atribui significado à vida; noutro, creditando significado à vida. Entretanto esta

mesma dor a faz revirar o baú, os seus guardados, favorecendo o encontro do consciente com o inconsciente, estabelecendo uma conexão com a sua existência e encontrando um pó negro, a essência de si mesma. É necessário procurar muito, a semente da essência se enraíza em lugares profundos: - ***Achei! (...) Havia me esquecido, fazia tempo que não usava.***

Encontrar o pó, a essência, ativa a própria energia e a potência curativa, passando a tomar parte do processo de vida. Carregando energeticamente conteúdos feridos, constelando a totalidade. Assim foi realimentar a estrutura física, as pedras que já estavam ficando sem vida. ***Criaram vida, (...) se posicionaram de outra forma e pareciam em paz.*** Favorecendo a ressurreição, integração dos elementos que apareciam como separados, unindo corpo e alma, vida e morte na eternidade.

Faço referência a um sonho no conto, onde peço um pouco de pó, alegando já saber o que queria, mas não sabia como. Tinha feito uma escalada na minha jornada pessoal, buscando. Num encontro do celeste, topo da montanha, com o humano na voz de minha **avó**, esta me dá continência (a lata) e diz para eu ir ao encontro da minha essência, fazer a conexão: subir a montanha, elevar-me, diferenciar-me, conscientizando-me das possibilidades; depois, então, descer e agir; tomar posse da função receptora da mulher, da terapeuta, como instrumento de transformação, assim como o pó revelador e transformador, que posteriormente se transforma em húmus, fertilizando novas sementes.

Cultivar a terra e fazer terapia, possuem o mesmo significado, segundo Sanford (*apud* Pereira, 2000) Saber o que quer é buscar alteridade, para, de posse da essência, poder fertilizar novas sementes, cultivar a terra, com analista e paciente fertilizando novas sementes, entrando na história pessoal, resgatando a essência e construindo sonhos.

No conto o contato com a avó permite adquirir a possibilidade de adquirir a experiência, como numa relação em busca de alteridade dentro da relação terapêutica, até que o paciente saiba sobre si, como no conto: ***Eu poderia conseguir tudo o que quisesse, mas o pó só eu, eu mesma, teria que conseguir.*** No contato com o outro, adquire-se a possibilidade de existir, como disse a avó, no conto: ***Quando quiser comece.*** De posse da essência consegue-se a libertação para ser. Aí se fica sabendo que terá vida enquanto semear, depois, virará húmus e continuará fertilizando, depois da morte. E não lamente, integre vida e morte: *Triste eu? Vamos tomar café e fazer sonhos.*



## VII. SÍMBOLOS E SIGNIFICADOS.

---

Neste capítulo se amplificam alguns símbolos pertinentes ao conto *Como fazer Sonhos*, para posterior leitura simbólica do conto. Concentrar-se na amplificação do símbolo atribuindo-lhe significado é uma maneira de des-racionalizar, a mente vai aos poucos poetizando e, como num outro estado, passa a ensaiar uma espécie de “participação mística” com o símbolo. Passa a dialogar com o símbolo, a transcodificá-lo, dando passagem para uma conversa interior, entre consciente e inconsciente, através das imagens a que ele remete e as elaboradas através do contato com o próprio símbolo.

### ***O Fogo.***

Assim como o Sol pelos seus raios, o fogo (Chevalier & Gheerbrant, 1991) simboliza por suas chamas a ação fecundante, purificadora e iluminadora. Como elemento que queima e consome é símbolo de purificação e regenerescência. Simboliza a purificação pela compreensão, pela luz e pela verdade.

O fogo terrestre simboliza o intelecto, isto é, a consciência com toda sua ambivalência. A chama a elevar-se para o céu representa o impulso em direção à espiritualidade. A chama é vacilante, pois quando se descuida do espírito o intelecto persevera.

As chamas muito altas e constantes acabam queimando, com perda do controle sobre o fogo. É comparada à inflação do ego, impossibilitando de transformar produtivamente a energia purificadora e “queimando” o próprio potencial, por falta de percepção dos próprios limites.

Em muitos mitos indígenas brasileiros a onça é a guardiã e depositária do fogo, e a primeiro a utilizá-lo. Nos mitos indígenas, a onça macho, recolhe crianças abandonadas, em seus abrigos, aquecem ao redor do fogo e lhe dão comida cozida no fogo.

Sentar ao pé da fogueira: o calor do fogo acalenta o ser humano, afugentando os seus medos, não mais sentindo calafrios de solidão e abandono. Irradia quem está congelado de medo e sem calor próprio.

A transformação do alimento cru em cozido diminui a força de sua natureza, evitando que o homem adoça ao ingeri-lo. É pelo fogo que a matéria bruta passa para um estado mais elaborado.

## ***A Montanha.***

O símbolo da montanha é múltiplo, nos diz Chevalier & Gheerrbrant (1991):

*Prende-se à altura e ao centro. O centro dos centros, não pode ser senão Deus. O centro é antes de mais nada o Princípio. Na medida em que ela é alta, vertical, elevada, próxima do céu, participa do simbolismo da transcendência. É assim o encontro do céu com a terra, a ascensão da montanha pertence ao conhecimento de si, e aquilo que se passa no topo da montanha conduz ao conhecimento de Deus. (p. 616.)*

Neste subir aos céus e descer à Terra, permite-se a união dos elementos femininos e masculinos: o Céu é o pai de todas as coisas geráveis e a Terra, a mãe, receptáculo de todas as influências do masculino.

Ao subir a montanha, olho para o alto, para a constelação celeste e **considero**<sup>4</sup>, olho com cuidado, respeito e veneração, consulto o alto, para nele encontrar o sentido e guia seguro de nossas vidas.

Ao descer a montanha, **desidero**, abandono o alto, deixo de ver o céu (mundo das possibilidades); e passo a conformar a Terra (mundo das realizações).

Subir e descer a montanha, percurso da jornada pessoal. Subir, rumo ao encontro com o celeste, ao Self. Descer, buscar o humano

---

<sup>4</sup> *Considere* (considerar) e *desidere* (desejar), derivam do mesmo substantivo plural latino: *sidera* - estrelas, constelação. Daí se derivam as palavras *siderar*, *sideral*.

novamente, função de ego, mudando de plano, num movimento em direção ao céu e em direção à terra. Subindo e descendo, no transcurso da vida, fazendo a conexão vertical ego/self, a realidade interna que retoma a realidade externa, entregar-se ao Self em conexão com o Universal, além da dimensão pessoal, o ego; com as dimensões trabalhando a favor da unidade, não se fixando em nenhuma delas, considerando o movimento de integração que ambas dimensões favorecem.

### **A Onça.**

Felino ágil, veloz, elegante, silencioso, paciente, com sentidos bastante aguçados; considerado inteligente e muito hábil na técnica de predação, mata mais do que é necessário para a sobrevivência.

A metáfora “ficar uma onça”, referente ao estado de ira, braveza do ser humano, se equipara ao estado da onça fêmea reagindo furiosamente em defesa da cria, simbolizando o lado agressivo materno.

Em Ramos (1999), encontra-se a relação do animal com a estrutura psíquica:

*Na psique individual, a força selvagem instintiva simbolizada pela onça, quando bem integrada, transforma-se numa energia capaz de oferecer proteção e defesa contra as ameaças à integridade do indivíduo. (p. 201.)*

Na tribo Kaiapó, indígenas brasileiros, os iniciados comem carne de onça para adquirir qualidades do animal: força, coragem e agressividade. Entretanto pessoas não iniciadas, ou que não estejam em processo de transformação, ao ingerir a carne de onça adquirem comportamentos selvagens, podendo chegar à loucura.

O simbolismo central da onça é sua agressividade destemida e traiçoeira, representando o lado destruidor, indomável e imprevisível da natureza. Essa força destrutiva impulsiva não é passível de ser absorvida pelo ego, podendo até destruí-lo.

### ***A Pedra.***

O desenvolvimento da Terra pode se paralelizar ao do homem, sendo que o desenvolvimento deste último é sempre uma repetição do desenvolvimento da Terra em que ele vive. A materialização do homem se deu pela ação das forças cósmicas, inicialmente a água e a matéria sólida não estavam separadas uma da outra. A substância básica da Terra vogava como uma massa viscosa ou uma gema de ovo, assim como o embrião do homem.

As pedras são consideradas como fragmentos caídos do trono celeste, desempenhando papel entre o céu e a terra, numa relação entre o humano e o divino, entre o masculino e o feminino, anima/animus, alma. Elas caem vivas, precisam ser alimentadas, como no conto. A

pedra bruta é hermafrodita, contém elementos femininos e masculinos, favorecendo a integração dos opostos, a totalidade.

O processo de cristalização, tanto na crosta terrestre quanto na alma humana, é uma separação da forma substancial a partir da insubstancial, da matéria celeste a partir da prima matéria, pura alquimia.

Tal como o mundo surgiu do caos, assim também surge deste a pedra. Ela provém de uma “massa confusa” que contém em si todos os elementos. A mais durável de todas as criações é a pedra (lápiz). O primeiro estado é o estado oculto que pode conduzir ao segundo estado, o manifesto. Como no desenvolvimento psíquico: mundo não manifesto (invisível/oculto) e manifesto (visível/concreto). Jung (1994) se refere a este processo de transformação:

*A “prima matéria” coincide às vezes com a noção do estado inicial do processo, a “nigredo” (negrume), É a terra negra na qual é semeado o ouro ou o lápiz, como se fosse um grão de trigo. É a terra negra, mágica e fértil trazida do paraíso por Adão e que também é denominada antimônio e descrita como “o negro mais negro do que o negro. (p. 443.)*

Os poderes dos corpos celestes sugam para si as substâncias que tem afinidade com eles e assim os cristais aparecem nas rochas primordiais ou em camadas mais recentes. Tão logo a rocha seja rompida e os cristais encontrem a luz, eles começam a brilhar. Da mesma maneira, os olhos dos recém-nascidos, que foram formados no escuro e nunca viram a luz, respondem à luz tão logo se encontrem com ela. A luz está presente na escuridão.

As pedras preciosas são os olhos da matéria olhando para nós. Poucos e com dificuldade, podem resistir à fascinação de seu brilho.

Chevalier & Gheerbrant (1991), estabelece a relação humana com o divino, no simbolismo da pedra:

*A pedra bruta é a matéria passiva, ambivalente: se apenas se exerce sobre ela a atividade humana, ela se envilece; se ao contrário, é a atividade celeste espiritual que se exerce sobre ela, com vistas a fazer dela uma pedra talhada acabada, ela se enobrece. A passagem da pedra bruta à pedra talhada por Deus, e não pelo homem, é a passagem da alma obscura à alma iluminada pelo conhecimento divino. (p. 696.)*

O ser humano na sua realidade concreta, como uma prima matéria, para se desenvolver e não se fixar na forma original, *pedra bruta*, precisa se alimentar da própria essência, precisa estabelecer conexão interna com a sua alma e uma conexão externa com o Cosmos, uma interrelação entre o humano e o divino.

No conto as pedras são alimentadas com um pó negro e brilhante, a essência, encontrado através da conexão interior (revisitando malas antigas contendo elementos guardados), que vai alimentar as pedras e dar-lhes vida. Transformando-as não permite que permaneçam na sua forma original, bruta; elas passam a brilhar, saindo da escuridão do inconsciente e adquirindo luz, olhos, consciência, favorecendo a conexão com o mundo externo. Alimentam a alma.

## ***O Tarô.***

O Tarô é um baralho de cartas misterioso, de origem desconhecida, com mais de seis séculos de existência, possui figuras enigmáticas, como as que aparecem nos sonhos.

As cartas do Tarô nasceram num tempo em que o misterioso e o irracional tinham mais realidade do que hoje, trazem uma sabedoria ancestral. Uma viagem pelas cartas do Tarô é uma viagem às nossas próprias profundezas. Os Trunfos do Tarô são os marcos da viagem.

Jung (*apud* Nichols, 1995), dava grande valor a todos os caminhos não- racionais que exploram o mistério da vida e que estimulam o conhecimento consciente do universo. Daí o seu interesse pela significação do Tarô. Reconheceu sua origem e a revelação de padrões profundos do inconsciente coletivo, uma ponte que permite a relação entre o inconsciente e o consciente.

Pouco se sabe sobre a origem do Tarô, entretanto desperta uma atração universal com poder de ativar a imaginação humana.

As figuras nos Trunfos do Tarô contam uma história simbólica, alguns símbolos das cartas: o mago, a sacerdotisa, a torre, a morte, a roda da fortuna, o sol, a estrela, o mundo. Símbolos que representam alguma coisa que não pode ser atingida de nenhuma outra maneira, seu significado transcende. Vem de um nível que a consciência não alcança e distam de nossa compreensão intelectual.



Na viagem através das cartas do Tarô, as cartas são utilizadas como elementos de projeção. Os Trunfos são ideais para esse propósito porque representam simbolicamente as forças instintivas que operam de modo autônomo nas profundezas da psique humana e que Jung denominou de arquétipo. Contemplando as imagens, ao projetá-las na realidade exterior, como reflexos de espelho da realidade interior, chega-se ao conhecimento.

O Tarô leva a um mundo não verbal, sinalizando símbolos, que não possuem definições precisas. Apontam forças que o ser humano não chega a compreender completamente. É necessário contemplar os símbolos, observá-lo em movimento, ligando-o às raízes mais profundas da nossa história e às partes dos nossos eus não-revelados. Não necessitam ter consciência das forças arquetípicas, mas entram em relação com elas.

## VIII. A REALIDADE LIMITA, AS IMAGENS DOS SONHOS PERMITEM.

---

### *COMO FAZER SONHOS.*

Sentia que este conto faria parte de meu trabalho, só não sabia a que vinha, não percebia o que já estava contido nele. Aparentemente não foi por ele que comecei mas por,

***Forjar:  
domar o ferro à força,  
não até uma flor já sabida,  
mas ao que pode até ser flor  
se flor parece a quem o diga.***

João Cabral de Melo Neto.  
(*Apud Olhar*, p.285).

Foi o primeiro movimento para dar início a este trabalho. Procurando inspiração, folheei o livro *O Olhar* (1998) e encontrei. Encontrei o tema da minha tese, *a priori* já estabelecido **Onde o analista atrapalha o paciente**, numa forma poética, a antítese ***Forjar, o analista interfere na flor já sabida.***

Depois da caminhada pelo processo de forjar, fui me identificar em meu próprio conto, me surpreendendo com o alimento ali revelado: a antítese vira tese, ou seria a antítese a tese, achando eu que procurava

a tese na antítese; o veneno é o próprio alimento, desde que seja assimilado, permitindo revelar a própria essência. O alimento eu já o possuía mas, como o *pó negro e brilhante*, ficara guardado nas trevas: o amor virou sombra e o medo, luz. Assim eu *vivi*, e não *com - vivi*. Embora escrito por mim mesma, e de mim mesma, a conexão interior, só fora feita agora, exatamente agora, nesta tela, após nove anos de sua elaboração. Retrata a minha marca existencial e a minha base pessoal, há quarenta e dois anos eu a vivia mas dela ainda não havia me apossado, pela consciência. Escrevo isto agora, depois de vinte e cinco páginas escritas em ordens diferentes desta e de dois meses *abrindo malas* de silêncio, de sonhos, de dores, de sinusites (*computador!*), principiado o trabalho de forja, rompi o silêncio num choro rompante, alimentada *com a boca e os olhos do coração*, sentindo minh'alma. E sorrindo por me dar conta de que eu já existia e me relacionava com o divino.

Madrugada, hora de acesso ao celeste promovendo criação, enquanto retratava a conexão da janela de meu interior, ia até a janela de meu quarto olhar o céu, agora numa conexão exterior. Nos vários encontros o céu se apresentou de formas diferentes: na primeira vez as nuvens se abriram só para a lua cheia, prateada, brilhar; de outra vez as nuvens estavam mais distantes e uma única estrela lhe fazia companhia; ora as nuvens fofas e não compactas mostravam... Na rua uma mãe implora para que seu filho a acompanhe, o pai... assiste. Numa conexão

entre o céu e a terra, entre o masculino e o feminino, vivencio o resgate de uma alma solta no mundo.

Depois que me debruço no cansaço da feitura, desperto para um novo dia, antes mesmo que os meus olhos se abrissem, com as seguintes palavras jorrando do meu inconsciente para o meu consciente:

***E de que sonho antigo me roubastes, domando com a mão de ferro para que eu não fosse, não permitindo que eu fosse.***

Fernando Pessoa diz da lealdade real por fora e da lealdade real por dentro, a integração com o dentro e fora, sendo fiel a tudo o que se apresenta.

Fernando Pessoa (1980) em *Tabacaria*, no trecho transcrito abaixo, abre janelas:

***Não sou nada.  
Nunca serei nada.  
Não posso querer ser nada.  
A parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.***

***Janelas do meu quarto,  
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém  
sabe quem é  
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),  
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por  
gente,  
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,  
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,  
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,  
Com a morte a pôr humidade nas paredes e cabelos brancos  
no homens,  
Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de  
nada.***

***(...)***

**Janelas**, visão do mundo interno, despertar para os sonhos do mundo; numa **rua** acessível aos sentimentos, vivências, assimilando sombras, **real e desconhecida**; com **mistério, morte e destino** a conduzir **a carroça** pela **estrada** da vida, e quem puder com - viver, sem julgar, com os sentimentos, seguirá pelo caminho. Conviver com a vida interior, com as fantasias, é um trabalho para o ego, no sentido dele se voltar para as fantasias, acreditar e dotá-la de realidade, sem estipular conceitos ou preconceitos, **com a morte a pôr humidade e cabelos brancos**. O ego cede à necessidade de analisar, de julgar. Afastando-se da hora impedidora de ser, de existir, entra em contato com os outros, não mais atuando, estipulando maneiras de ser na relação. Estar com o outro é estar atento, aliado, sem me preocupar com os enganos, pois só posso saber, estando na relação. Esse envolvimento com a vida interior é que revelará a essência. Revelará justamente a intersecção, do fato e da sua presença, dando lugar à criação na relação. Encontrar e não atuar é ser eu mesma. Se eu achar que vou ver o outro conduzindo a **carroça** na direção que eu achar interessante, desviarei do caminho (do meu e do outro). O outro está presente **na janela de um dos milhões** de seu **mundo, que ninguém sabe quem é, e se soubessem quem é, o que saberiam?** Portanto devo seguir junto com ele, **conduzindo a carroça de tudo, pela estrada de nada**, enfocando o tudo, transformando-o em nada. Enfocando o que é do outro para o outro, onde o guia é o processo. O caminho o paciente escolhe, o terapeuta é um psicopompo, um condutor de alma pela caminhada do outro, como um mediador do que

existe dentro e fora, em cima e embaixo, entre o céu e a terra, sempre lidando em dois níveis, realidade e fantasia.

Hillman (1985), fala da conexão com o mundo interno e externo, através das imagens:

*Solicita atenção fiel ao mundo imagético, o amor que transforma simples imagens em presenças, dando-lhes um ser, ou melhor, revelando o ser vivo que elas naturalmente contêm. (...) Conteúdos psíquicos transformaram-se em “poderes”, “espíritos” ou “deuses”. Sentimos a presença deles, como os povos primitivos. Essas presenças e poderes são a nossa contrapartida moderna dos antigos panteões de seres vivos, de partes animadas da alma, dos deuses protetores domésticos e dos demônios assustadores. Esses seres eram míticos por participarem de uma “história” ou drama psíquico.(p.127.)*

No meu conto falo em alimento para pedras e, num sonho, desço uma montanha a procurá-las. Montanhas, subir aos céus e descer à terra. As imagens falam de uma energia que se expressa frente à realidade externa ou que retorna à experiência interna. Quando as imagens referem-se ao celestial ou ao terreno revelam a experiência pessoal ao lado de uma possibilidade além do nível pessoal, aproximando a dimensão pessoal da universal, dentro do próprio ser. Impressiono-me ao ver significados para estes símbolos, conexões horizontais/verticais, consciente/inconsciente, ego/Self e me dou conta de que são imagens arquetípicas do encontro do divino com o Si mesmo.

Pereira (1990) nos fala a respeito:

*Ao vermos o nível vertical, percebemos que a vida consciente deve se exercer abarcando esferas diferentes: a amplitude celestial e a profundidade terrestre devem ser conciliadas, propiciando ao ego um centramento frente à essas dimensões, não se identificando a nenhuma delas. (p. 302.)*

Falo da conexão interior a que consegui me alçar, como apresentei na dedicatória:

***morte, transcende  
a flor,  
a flor já sabida,  
resgatada.***

### ***O Eu diante do Coletivo.***

Uma transformação psíquica pode ocorrer quando avançamos da dimensão pessoal para a dimensão universal. Para tal é necessário lutar para não nos fixarmos nos complexos, a fim de que possamos atingir os núcleos arquetípicos. Este processo segue a orientação da psique, com a expressão de ações, reações, padrões de emoção e comportamento. Refere-se à energia e ao dinamismo da estrutura psíquica, se relacionando com o núcleo arquetípico, através do contato com sonhos, imagens e fantasias.. Constelando experiências representativas imagéticas, auditivas ou intuitivas, corresponde a temas mitológicos.

Estés (1998) situa a relação entre o dinamismo pessoal e universal:

*Como em toda a história da humanidade e segundo minhas tradições familiares mais profundas, o dom essencial da história tem dois aspectos: que no mínimo reste uma criatura que saiba contar a história e que, com esse relato, as forças maiores do amor, da misericórdia, da generosidade e da perseverança sejam continuamente invocadas a se fazer presentes no mundo. (p. 9.)*

Lendo o conto *Como fazer sonhos*, em dois grupos literários diferentes, vi pessoas emocionadas retratando o citado acima, encontrando com o que é essencial a si mesmo, com a dimensão das forças oriundas do Universo. Confirmando, reproduzindo algumas falas que revelam conteúdos e imagens arquetípicas:

- **Pedras**, da onde surgiram ?

- **Onça, matar, comer ...**

- O **medo** de perder a pessoa fez engolir todos os outros medos.

- A avó, eu tinha uma que também era do **Mato Grosso**, andava a **cavalo**. Uma vez o meu pai foi pra lá e caçou uma **onça**.

- **Vó**, carrega uma função de emocionar, e por empatia você se encontra no texto, embora não tenha sentido minha vó como está no conto, carrego, carregamos a relação desde a infância. Vó, afeto, faz você se sentir parte da história.

- Comigo foi a tia, comecei a escrever contos e via a influência que ela exercia na feitura.

- Eu voltei para a minha infância, **caçar o medo**, ter medo e não saber lidar com ele. No conto ela ensina como enfrentá-lo, e tem que achar uma fórmula sua.



Esponaneamente as pessoas começaram a contar histórias e a se manifestar. Repetia-se uma história com acontecimentos que são eternos, que se refere à realidade permanente com padrões de comportamento que retratam a origem do ser. Como se houvessem escutado um mito, ou seja, uma história verdadeira e sagrada. Na medida em que foram escutando foram profundamente tocados por aspectos que referendam o Si mesmo e a própria existência. Caminhando para a análise, resgataríamos mitologemas<sup>5</sup> pessoais oriundos do Coletivo.

Uma das ouvintes reproduz a fala de sua avó, movimento parecido com o da avó no conto *Como fazer sonhos*, ir buscar alimentos para a dor. Sua avó, portuguesa, pastora, costumava cantar, quando algo lhe aborrecia:

***Se o amor me morre,  
não é por falta de trato,  
ainda tenho na cabeceira  
quatro pimentões no prato.***

Assim se situa uma outra ouvinte, mulher, escritora: esse *negócio de falar das pessoas mais velhas emociona mesmo. Todos temos lembranças. Este conto mexeu com uma coisa que faz parte da humanidade, eu acho muito legal, acho um texto literário bom quando você acaba de ler e tem vontade de ler de novo pra ver o que você deixou escapar. Eu estou com muita vontade de ler de novo, sossegada, para*

---

<sup>5</sup> Um tema mitológico recorrente, como, por exemplo, um tesouro. No conto: encontrar o

*sentir tudo o que se passou nele. Vou fazer isso. Essa descrição da pessoa ... sem mesmo conhecê-la, você a admira. É mais ou menos como ver um filme e sair com a sensação de que a humanidade é bonita independente da sua origem, do que ela faz.*

Sem conhecer a teoria arquetípica, entretanto vivendo-a na íntegra, parece estar citando Hillman (1985):

*Quanto mais se penetra neste mundo essencial de si mesmo, mais se sente que os problemas pessoais adquirem uma dimensão humana, e que as verdades essenciais e próprias de nossa individualidade se tornam universais, exatamente como as afirmações da teologia. É como se a análise profunda conduzisse a um centro estranho e escuro, onde se torna difícil distinguir o inconsciente da alma e da imagem de Deus. (p. 54.)*

As imagens transmitem um conhecimento não através do intelecto mas do efeito da imagem sobre o sentimento e a intuição, é o movimento que os ouvintes do conto evidenciam. O que referenda a abordagem simbólica, formadora de mitologemas, uma abordagem da realidade psíquica, transpessoal ou cósmica.

### ***Anima/animus apresentam a Alma.***

Alma, **psyché** - em grego, **anima** - em latim, significam exatamente o sopro.

A alma tanto pelas imagens que a exprimem como pelas que a representam, subentende toda uma cadeia de símbolos. Chevalier & Gheerbrant (1991) nos dizem:

*O principal desses símbolos é o sopro, com todos os seus derivados. A própria etimologia da palavra relaciona-se ao sopro e ao ar, enquanto princípio vital.(p. 34.)*

**Animus** - princípio pensante e sede dos desejos e paixões, significando **sopro**; de valor intelectual e afetivo; de registro masculino.

**Anima** - princípio da aspiração do **ar**; de registro feminino.

Retomando a definição dada por Jung (*apud* Chevalier & Gheerbrant, 1991): a **anima** é o componente feminino da psique do homem e o **animus** o componente masculino da psique feminina. A **alma**, um arquétipo feminino, é ativa em maior ou menor grau no indivíduo, conforme o seu desenvolvimento psíquico ou conforme as épocas históricas.

Jung diz

*Que a alma corresponde a um estado psicológico que deve gozar de uma certa independência nos limites da consciência (...). Designa uma relação com o inconsciente e também uma personificação dos conteúdos inconscientes, é um conteúdo relativo ao sujeito, mas também ao mundo do inconsciente. E é por isso que a alma sempre tem em si algo de terreno e de sobrenatural. Terrestre por representar a imagem de natureza, de terra; celeste por o inconsciente almejar a luz da consciência. Princípios femininos e masculinos, com conteúdos psíquicos,*

*anima/animus se relacionando. Assim, a **alma** exerce uma função mediadora entre o ego e o self (núcleo da psique)”. (Apud Chevalier & Gheerbrant, 1991, p. 35.)*

Na visão da psicologia arquetípica, proposta por Hillman (1995),

*(...) **anima**, alma, interioridade, está por toda a parte e em tudo, não só na interioridade feminina do homem. Está no homem e na mulher. Anima pertence a todas as coisas, a possibilidade de interioridade de todas as coisas. (p. 15.)*

A psicologia arquetípica, coloca **alma** como uma metáfora - chave da psicologia, referindo-se a uma perspectiva reflexiva entre nós e os eventos. A alma refere-se à profundidade, ao logos da psique: a verdadeira fala da alma. Hillman (1995), assim se manifesta:

*Enxergar interiormente como uma possibilidade em todas as coisas, e a buscar em cada evento algo mais profundo. O interior refere-se àquela atitude dada pela anima que percebe a vida psíquica dentro da vida natural. A própria vida natural torna-se o vaso no momento em que reconhecemos que ela possui um significado interior, no momento em que vemos que ela também sustenta e carrega a psique. A anima faz vasos em todos os lugares, em qualquer lugar, ao ir para dentro. (p. 13.)*

A **alma** é pessoal, feminina, múltipla, metafórica, é aquilo que está nas profundezas do ser; o **espírito** é divino, masculino, unitário, concentrado, está nas alturas.

A alma nos remete aos sonhos e às imagens, com figuras e emoções, ao terrestre; o espírito nos conduz à iluminação, ao celeste, ao cosmos.

A possibilidade de atingir este mundo espiritual, sair das profundezas e atingir as alturas, transcender, segundo Byington (1991), se dá através da imaginação. Realiza-se o caminho pelo mundo arquetípico, que engloba e transcende a polaridade consciente - inconsciente, ao enraizar-se na dimensão arquetípica do eterno - infinito.

O principal objetivo de trabalho da psicologia arquetípica foi denominado *cultivo da alma*. O ato de cultivar a alma é imaginar<sup>6</sup>, desvendar significados e transcendê-los.

Ampliando as fronteiras do consciente, na aproximação com os arquétipos, ultrapassam-se as cadeias que dissociam espírito (pneuma), alma (psique) e corpo (soma), encontrando a noção de unidade e integridade.

---

<sup>6</sup> Imagens são psique, sua substância e sua perspectiva através dos eventos.

O paciente revelando para a analista o seu inconsciente, este podendo retratar a imagem: juntos indo ao **encontro da flor, já sabida**, percorrendo o caminho, aquecendo, ouvindo, revelando novas imagens encontradas no percurso... conscientizando, relacionando.



## IX. O ENCONTRO DA FLOR JÁ SABIDA.

---

### ***O Convite para o Encontro.***

O convite, um ritual de interiorização permitindo a proximidade: ouvindo, silenciando a alma, aquecendo. ***Vem cá, vamos tomar café e fazer sonhos, um aquece e o outro leva a tristeza embora.***

Paulo Barros (1985), nos apresenta o encontro, o quanto ele se perpetuou durante a história do ser; sua forma acalentadora e aquecedora:

*Aqui também se faz filosofia, teria dito o filósofo em resposta ao olhar de desapontamento acadêmico de seus discípulos, ao vê-lo na cozinha. E fossem as biografias intelectuais mais pormenorizadas a respeito de como e onde germinaram as questões a quem as trouxe à luz, e nos surpreenderíamos com a frequência com que questões brotam na cozinha. E poderíamos entender o filósofo. E desde sempre, até algumas décadas atrás, quase todas as crianças tinham a oportunidade de acordar na madrugada ainda escura, ir até a cozinha e puxar um dedo de prosa com o mais velho, geralmente silencioso, que costumava ser o primeiro a acordar para acender o fogo e fazer o café. Se tivesse sorte assistiria desde o início o ritual do fogo. (...) Ninguém questiona o óbvio. A menos que recupere sua*

*curiosidade infantil, ou volte ao pé do fogo, perto do mais velho silencioso que acende o fogo e a aurora e prepara o café e o dia.*  
( p. 9.)

Seria este o movimento de interiorização num processo terapêutico: valorizar o encontro; num ritual onde haverá exposição da intimidade, num ritual entre as pessoas envolvidas na psicoterapia, seja na qualidade de terapeuta, de cliente ou de qualquer um dos dois papéis que estejamos vivendo. Quando há o encontro de duas pessoas e estas estão ligadas interiormente, comungando a mesma história, estão ocupando o mesmo espaço psicológico constelado num mesmo estado de espírito. É necessário algo mais além de se comunicar, uma ligação interior de cada uma das duas pessoas, consigo mesma e com o outro. É preciso ter como base a própria existência, onde se somam a base pessoal e o apoio do universo, gerando a comunhão deste encontro. A transformação do indivíduo acontece a partir desse encontro revelador do que é o outro, do que sou eu e do efeito dos fatos arquetípicos que brotam dentro de nós, e se refletem no encontro terapêutico. Tornando-me íntimo de mim mesmo, ouvindo o que é meu e a minha própria história, com fidelidade, com sofrimento, vergonha, ou prazer.

Uma participante de um grupo que ouvia o conto, comentou que a frase ***Eu a conheci no tempo do eterno e terno***, a convidou a mergulhar no conto, sendo tocada pelo afeto, com emoção forte. As frases que a mobilizam são: ***Vem cá vamos tomar café e fazer sonhos*** e ***Como fazer sonhos.***, alega que é *um convite para percorrer o que for sendo encontrado e não uma receita.*



Ao ficar em relação com o que é vivido, ela mesma indica o que está sendo vivido e qual a ação, a partir daí. No tempo do *eterno e terno* da divindade amorosa. **E** de eterno, **e** de elevar às alturas, transcender, ir buscar ternamente a essência, conectando a alma e indo além.

Um homem, ouvinte do conto, professor de literatura, indaga sobre as pedras, questiona se são alegorias e se, como tais, promovem o fantástico, saindo do natural, caminhando para o sobre-natural. Associa a um filme, O Cardeal, onde Nossa Senhora começa a chorar e o sacerdote põe-se a investigar e descobre que uma calha entupida faz com que a água da chuva escorra sobre a frente da imagem e esta lacrimuje. Ainda que o sacerdote explicasse, as mulheres ficam achando que é muita coincidência, só Deus o faria, portanto continua sendo um milagre. Na teoria do fantástico, diz, o fato não pode ser alegórico, mesmo explicando o brilho da pedra como reação física do pó negro, não é natural que elas *criem vida*. Mantendo a fidelidade à cena, ao mundo imagético, como colocou Hillman acima, sentimos a presença *revelando o ser vivo, que simplesmente existe*, conteúdos psíquicos, que fazem parte de uma história, são simbolizados, não são do campo sobre-natural.

Diante das fantasias não deve existir separação entre a experiência subjetiva de si mesmo (história de vida, ego, consciência, sombra) e a ação objetiva (figuras arquetípicas). O trabalho de converter fantasia em imaginação é a base do trabalho junguiano. É necessário um **diálogo** entre a **fantasia passiva**, oriunda do inconsciente (que pode ser interminável se aí se mantiver, tecendo véus que confundem imagem e

ação) e a **imaginação**, onde o ego trabalha para transformar devaneios e fantasias em espaços cênicos interiores, em figuras vívidas. Hillman (1985) o descreve:

*(...) é a base para os novos passos que damos na vida, considerando-se que as visões de nossos futuros pessoais vêm primeiro sob a forma de fantasias. E, de início, há muita razão para guardá-las em nosso interior, imaginando-as com riqueza de detalhes e em esquemas em grande escala, antes de decidirmos se elas podem ser tentadas no mundo ou seguidas mais extensamente no nível da interiorização, ou se devem ser vividas objetiva ou subjetivamente.(p.126.)*

Voltemos ao conto e façamos o diálogo. O convite, **Vem cá (...)**, para ouvir a alma, o eu se silenciando; o outro tocando o eu que ouve.

**Quem não sonha, não sabe o que quer.** O contato com a fantasia, imaginar, conhecer com saber e sabor.

**Íamos ver a sorte**, através dos símbolos do tarô, o resgate da curiosidade, sem os porquês do pensamento, entrar no mundo da imaginação. O outro vendo em mim o que não posso ver. Eu ouvindo o outro, que me escuta, trazendo para mim emoções que não me deixam mais sozinha em meu interior. O outro lendo o meu inconsciente, manifestando, tocando a alma. O ego, do próprio ser, não está mais com o controle, existe mais alguém que também tem algo a nos oferecer. Fazendo a re - integração, **(...) o que era veneno tinha virado alimento.**  
**E com tudo isso lá ia eu, (...) acreditando.**

### ***O Eu diante do Outro Eu.***

O centro mais profundo do medo é o amor, o maior dos medos. Alguém que já caçou e se aqueceu com o seu medo, pode propiciar o mesmo a quem defronte dele se sente. Penetrando pelo próprio **sertão do Mato Grosso**, da própria mata, a interioridade, a terra-mãe, ventre que concebe e gera, para se resgatar do abandono, montando e desmontando padrões, caçando a onça, tenho que escolher: não atuar com o padrão onça, instintivamente, ou ampliá-lo e integrá-lo à consciência. Do contrário posso ficar aprisionada e paralisada pelo medo, me recusando à entrega afetiva e reagindo defensivamente como transcrevo no poema a seguir:

***Só ficaram fatos e idéias.  
A tristeza e a saudade,  
Sei que estou por senti-las  
Ou por sentir em demasia  
Não pude vivê-las.***

***Onde estão os sentidos?  
Encontro só o sentir dor.  
Ficaram pedacinhos de dor  
Nas entranhas, por todas elas.***

***Vi, vivi alguns mendigos  
Que proibidos de ter bens  
Vivem da caridade alheia.***

Fábria Rímoli, 1987.

***Ou eu ou a onça***, vai em busca de si mesma, arrisca para enfrentar a vida, fortalecendo o ego ao fazê-lo, firmando sua identidade, concretizando o automorfismo. Onça, um mamífero, feminino que ataca

para comer ou se defender, portanto instintivo e primitivo, comê-la é integrar as forças instintivas e não ficar atuando através delas, é caminhar para a evolução da identidade do feminino, abrindo mão dos padrões instintivos, passa a ser o medo que cura (o medo segura o impulso), pois esta cura vem exatamente do lado desarmado. Com humildade e riso, com aceitação amorosa de tudo o que vivo, **a gargalhada de quem venceu.**

### ***O Eu diante de Mim.***

***Um dia alguém lhe disse que estava cheia de suas histórias e que se modificasse, parasse de ser o que era e se transformasse numa coisa só.*** Solicitar a unilateralidade, necessidade de ego ao querer brilhar com o que o julgamento aprecia, quebrar o diálogo com o mundo da fantasia, tirando a estrada, e não mais conduzindo a *carroça*, isto lhe era venenoso. ***Ser uma coisa só era não - viver.*** Quem despreza suas virtudes aparece com o seu lado marginal, sombrio.

Em conseqüência foi procurar um alívio para a sua dor maior ***não poder ser o que era***, desejando a morte como libertação.

A dor remeteu ao lado destrutivo, procurando nas malas antigas, em seus guardados e indo buscar o veneno, depara-se com o pó negro e brilhante; o seu alimento, o encontro da sua essência. Sai do pensamento, estrutura que lhe haviam solicitado e reencontra o que é

seu, como nas flechas de Eros, que ferem e curam. Como está contido em Estés (1996):

***Uma oração.***

***Recuse-se a cair.***

***Se não puder se recusar a cair,  
recuse-se a ficar no chão.***

***Se não puder se recusar a ficar no chão,  
e leve o coração aos céus  
e, como um mendigo faminto,  
peça que o encham,  
e ele será cheio.***

***Podem empurrá-lo para baixo.***

***Podem impedi-lo de se levantar.***

***Mas ninguém pode impedi-lo  
de elevar seu coração  
aos céus -***

***só você.***

***É no meio da aflição***

***que tantas coisas ficam claras.***

***Quem diz que nada de bom  
resultou disso***

***ainda não está escutando.***

(p.84.)

É no meio da aflição que você procura e é de lá que vem a luz, o alimento, ***o pó negro e brilhante***, alimento para as pedras, para que você nem elas morram. ***Pó***, a essência, o amor por si; ***negro - brilhante***, vem da terra sem luz; ao sair da mala e receber luz, brilha.

Através do que está fora, do que projeto ou transfiro, me vejo novamente; o encontro traz emoção e não estamos mais sozinhos em nosso interior. E novamente vamos colocar dentro, na ***lata, cheia de pedras***, os objetos preciosos; saem da sombra, não mais dessacralizando a obra de Deus. Transcendendo, criando vida, indo ter com a própria essência para se alimentar, virar pó, transformado em

húmus, fertilizar, passar da alma obscura à alma iluminada pelo conhecimento divino, onde o **eterno e o terno** estarão em constante movimento.

Byington fala da relação do ego com o Self, quando o Ego se torna capaz de perceber a dualidade em cada pólo do Símbolo e relacionar com eles dialeticamente:

*O Ego pode ver a sua Sombra como também a do Outro. O Ego pode vivenciar seus Arquétipos e também os do Outro e interrelacioná-los significativamente. É um Ego capaz de “virar a outra face” ou “amar ao próximo como a si mesmo”, porque sabe a função do Outro no seu desenvolvimento a tal ponto que pode facilmente empatizar o Outro e imaginar trocar posições com ele. (Apud Pereira, 1982, p.87.)*

**Vem cá, vamos tomar café e fazer sonhos, um aquece e o outro leva a tristeza embora.** Caminho para um processo de alteridade.

Barros (1985) fala do processo que descrevo:

*Fazer psicoterapia é trabalhar com intimidades. E ser terapeuta é buscar em si o desprendimento necessário para se fazer testemunha solidária do que de mais íntimo as pessoas trazem consigo. E desta forma catalisar o encontro e a autenticação do si mesmo que existe em cada ser. Autenticidade existente e constituída em ser si mesmo. E no entanto dependente da alteridade. Porque social. Porque revelado a si mesmo pelo testemunho solidário. E no entanto independente porque outro. Diferente, não idêntico. E no entanto solidário.(p 10.)*

Hillman (1985), nos coloca a situação do encontro terapêutico, e a vivência deste preservado no inconsciente coletivo, através do encontro afetivo, onde o encontro do eu com o outro promoverá a aquisição da consciência:

*Mas no encontro humano de duas pessoas sentadas frente a frente, temos a situação primária do amor. Sozinhos em uma sala, defrontamo-nos em segredo, a alma despojada e o futuro em perigo: isto, por acaso, não configura a experiência arquetípica do amor humano? (p. 33.)*

A postura do terapeuta e do paciente serão de resgatar a própria história, resgatando a curiosidade infantil, ouvindo, se aquecendo e se preparando para o raiar de um novo dia.

Assim como uma criança que fala espontaneamente o que pensa, que sente e percebe intuitivamente, colocando tudo na ponta da língua, o adulto deveria permitir ao inconsciente fluir, como já fez um dia. Permitindo ao inconsciente seguir o seu próprio caminho, sem tentar montar a história com perguntas ou explicações e sim vivenciando, com todas as emoções pertinentes a cada fato, a cada situação.

Uma professora, quarenta anos, ao ouvir *Como fazer sonhos.*, se remete à infância, tempo em que sentia medo e não sabia como lidar com ele, conta a história: *Minha tia, casada há poucos anos e com filhos, ficava contando histórias de mula-sem-cabeça, assombração, coisas de Minas Gerais. Eu tinha oito ou nove anos, ficava ouvindo com os pés em cima da cama, por medo. Uma vez enquanto contava uma história, na*

*janela aparecia uma luz que subia e descia. Eu fiquei apavorada e ela também. Pulei da cama para o berço do filho dela, sem pôr os pés no chão. E pensei: se eu ficar aqui não vou saber. Minha curiosidade era maior. Falei para ela que continuasse contando a história. Ela continuou e a luz apareceu, eu abri a porta da cozinha e vi que era uma menina, a irmã do menino que estava junto com a gente. Esta criança segue a sua curiosidade infantil, mobilizada pelo inconsciente em busca da realidade, a partir da emoção vivenciada, regredir ao berço não lhe propiciaria o encontro com o que sentiu. Mas ir até o berço, perceber a imobilidade, também a impulsionou na busca da revelação. Em seu estado adulto se associa ao conto ouvido agora dizendo que nele a avó ensina como enfrentar o medo, tendo que achar uma fórmula sua. Alguém pode até te ensinar, mas tem que ser do seu jeito, você é que tem que enfrentar.*

*Tradutore, traditore.* Muda-se uma única letra, mas muda-se todo o sentido, criando um jogo de som, revelador de que a mudança da forma é mudança do sentido.<sup>7</sup> É este movimento que devemos evitar, favorecer a *transcrição*<sup>8</sup> e não a tradução, entrando direto em contato com a realidade do que nos é apresentado, fazendo uma leitura como na infância, a partir do óbvio.

Deve-se possibilitar uma relação direta com os símbolos e imagens, ao invés de precisar de um *mensageiro*, o *tarô*, a exemplo de *Como fazer sonhos*. O inconsciente tem o dom de observar, sem julgar,

---

<sup>7</sup> A concisão é a precisão do italiano não se dá aqui, no português, assim ficaria: *quem traduz, trai*. ou *tradutor, traidor*.



criando permissão para sentir tudo. É o ego que quer só brilhos e nada escapa a seus julgamentos, não permitindo o acesso livre, tal como possuíamos na infância. Levar o inconsciente a sério é suportar tudo o que ele tem a dizer, atribuindo significados, não escolhendo somente o que julgamos bom ou adequado, favorecendo o diálogo entre o inconsciente e a consciência.

Hillman (1985) assim nos apresenta:

*A abertura para o sonho implica abertura a todos os sonhos, a todos os seus fragmentos e imagens. É uma conveniência do ego decidir, pela manhã, que sonhos são ou não úteis, quais os que felizmente podem ser esquecidos e quais os que realmente vão importar. Quase sempre a decisão do ego nesse setor serve apenas a si mesmo e à sua importância, ao passo que a função maior do sonho seria a de tornar o ego relativo dentro da totalidade da psique. O ego quase sempre sente nisso uma humilhação negativa. Quando se permite a ele escolher, está iniciada uma forma sutil de autotraição, conduzindo à unilateralidade e, finalmente, à inflação e a estados depressivos. (p.121.)*

O procedimento citado acima se adequa em situações onde não há permissão de interiorização para o cultivo de nosso mundo de imagens, de sentimentos, de fantasias, para cultivar o nosso jardim interior. Ao receber tudo o que vivenciamos e somos, o *ventre da psique* recebe a semente que nos constitui, propiciando a criação; assim como acontece no conto: ***Não ser o que era, não era para essa mulher.*** Para

---

<sup>8</sup> Termo posto em circulação por Haroldo de Campos, propondo que se crie, ao traduzir, um texto que conserve toda a riqueza do original, quer na forma quer no conteúdo.

tal precisamos transformar fantasia em imaginação, sobre isto Hillman (1985) nos diz:

*O trabalho de transformar devaneios e fantasias em espaços cênicos interiores, onde se pode entrar, e que estão povoados de figuras vívidas, com as quais se pode falar e conversar, sentindo e tocando-lhes a presença. O trabalho de converter fantasia em imaginação é a base de todas as artes. Também é a base para os novos passos que damos na vida, considerando-se que as visões de nossos futuros pessoais vêm primeiro sob a forma de fantasias. (p. 126.)*

### ***Aquecendo, Ouvindo... Relacionando.***

No encontro terapêutico temos duas pessoas, uma diante da outra, sozinhas em uma sala. Diz Gaiarsa (1984):

*No diálogo com o outro quem está de costas é você, que não se vê (p. 24.)*

Para o encontro acontecer é necessário o terapeuta estar presente, de frente para si mesmo, saber o que o outro sente e como se sente, é necessário o terapeuta ser ele mesmo.

Sozinhos, terapeuta com os seus Outros contidos em si, guardando seus espaços, e paciente com os seus Outros, não podendo aparecer para si. Se estas pessoas se apresentam, cada um com o seu Outro, se envolvem sem se anular, sem se confundir, os dois se apresentam para a relação, surgindo emoções. A distância que o

terapeuta toma para ouvir o outro, serve para este se aquecer se ouvindo, fazendo entrar em ação os seus próprios sentimentos, criando uma ponte de contato. Este envolvimento se dará a partir dos sofrimentos da psique constelando uma relação de amor, por receber o outro e a si mesmo com o que possuem, sendo atingidos pela força arquetípica do amor.

O amor não é apenas uma emoção forte e sim um estado de espírito com o qual necessitamos nos deparar, enquanto emoção simplesmente, ele pode acarretar em confusão, pois passamos a julgá-lo e não a vivê-lo; enquanto estado de espírito será vivido na íntegra, acolhendo e recolhendo todos os sentimentos. Como nos diz a poesia de Chico Buarque de Holanda:

***Porque me descobriste no abandono,  
com que tortura me arrancaste um beijo.  
Porque me incendiaste de desejo  
quando eu estava bem morta de sono.  
Com que mentira abriste meu segredo  
De que romance antigo me roubaste  
Com que raio de luz me iluminaste  
quando eu estava bem morta de desejo.  
Com que direito a mim ensinaste a vida,  
quando eu estava bem morta de frio.***

Uma ouvinte do *Como fazer sonhos* começa questionando: *Qual será o enrosco? Minha avó é do Mato Grosso, certa vez me contou que andou no lombo de um cavalo três dias . Os meus pais têm lembranças de onças. Tem uma passagem em que o meu pai foi para o Mato Grosso e a minha mãe foi para o carnaval de máscaras. A lembrança é do meu pai chegando com um couro de onça embrulhado num papel rústico, bem*

*grosseiro e abre na sala. Meu pai chega, eu olho para ele e conto da minha mãe no carnaval. Eu não sei o que cruza mas cruza: onça, vó, Mato Grosso ...*

Não é justamente o amor que faz com que essas duas pessoas se encontrem, mesmo no abandono, no medo, no sofrimento ou na escuridão? Creio que sim, entretanto para a pessoa não ficar só defendendo suas feridas, ou projetando, ou transferindo para o outro e para permitir que o encontro se dê, é necessário tranquilidade, brandura, paciência como guia para sair do refúgio. Por vezes também é necessário confronto, luta, transformação, caçar a **onça**, transformar o medo. Certas vezes se processarão distância, frieza. Outras vezes se saberá manter o segredo, até que se sinta abrigado, até que seja possível ir buscar o pó da transformação que servirá de alimento, grão, e aquecerá sonhos e iluminará o caminho, *caminhadura*. Dura caminhada ao centro mais profundo do medo que é exatamente o amor, como numa ferida *calosa*. Quando ferimos a pele e ela continua sendo agredida, formamos camadas protetoras de mais peles, encapsulando a ferida, protegendo para que ela não se fira ainda mais, calando, calejando. Assim formamos um complexo, é necessário tocá-lo sem ferir mais, quando se tem medo de que a ferida doa, tocar no afeto é agredir, vira tortura como no soneto de Chico Buarque. Entretanto é necessário dissipar o medo, é necessário que o terapeuta suporte este encontro com a ferida, pois a terapia situa-se exatamente na sombra do amor, o medo. Como nos lembra *O Cântico dos Cânticos*:

*Eu te ordeno que não toques nem despertes o amor até que ele possa ser agradável. (Apud Hillman, 1985, p. 34.)*

A manifestação do divino na mítica é a manifestação do arquétipo na psicologia analítica, com poder transformador. Enquanto houver um impedimento como o medo, o arquétipo amor não pode se manifestar, como nos relata uma paciente: *não deixo ninguém chegar perto porque posso gostar*. Ela revela o medo de sofrer novamente, impedindo com isto o encontro com o amor.

Enquanto se prepara para o encontro com o amor, se faz um aquecimento, ouvindo a alma em silêncio: recebendo os seus sentidos, seus movimentos, sem julgamentos, ataques ou fugas. Haverá muito medo de perdê-la ou de se perder, de ser mal interpretada, medo de ser apenas traduzida e não *transcrita*.

É necessário que a existência interior e o amor próprio, o do terapeuta, estejam desenvolvidos e envolvidos, formando uma conexão interior consigo mesmo e com a própria existência, numa relação ego/self, para que o encontro realmente se dê, para que não haja o lamento do soneto, um amor que não pode ser recebido. A *ponte* que se estabeleceu nesta relação: o terapeuta entrelaçando o paciente em seus braços, esta ponte é só para suprir a falta de interiorização do próprio analista; se o paciente for ao seu encontro, cairá no mesmo vazio em que já se encontra: o desamor. Continuará entrelaçado pelo desamor, o analista ficará pensando que aquece o paciente e a si próprio.

Escute a música a seguir, sentiremos a *ponte*:

## OLHOS ABERTOS

*Atravessando uma ponte de noite no meio da rua  
cercada pelo silêncio daquela cidade do interior,  
Depois da ponte uma estrada de terra molhada de chuva,  
cercada pelo silêncio e sem nenhum pedaço de amor,  
Vendo os olhares desertos de tantas pessoas antigas,  
tantas pessoas amigas querendo um cigarro e um carinho.  
Gente que puxa uma briga na estrada  
com os olhares brilhando,  
precisa só de um abraço bem forte e bem dado.  
E eu quero encontrar as pessoas  
de mãos e de olhos abertos  
sem me preocupar com dinheiro e posição.  
Eu preciso encontrar as pessoas,  
ficar de mãos dadas com elas,  
conversar com a boca e os olhos do coração.*

*Zé Rodrix,  
Guthemberg Guarabira.*

O paciente necessita atravessar a ponte, precisa de um carinho, de alguém que lhe dê a mão. Mas encontra-se num estado em que não se sente com coragem para fazer tal travessia, com medo, com os silêncios interiores e com o silêncio da caminhada, nela vê e sente coisas, imagens, sentimentos aos quais não consegue atribuir significados, ou que o assustam: *assombrações*. *Caminhadura*, dura caminhada. Ao imaginar a travessia, se depara com conteúdos com os quais não sabe lidar, isto aumenta o seu medo, percebendo-se só e sem

amor. Sente-se a distância (*olhares desertos*). Pode ver as pessoas mas não conta com a possibilidade de se aproximar. Com o medo da entrega fica estatelado no dilema, como Rímoli (1984) mostra no poema *Medo*, que pode ser lido tanto na horizontal, como na vertical, em negrito ou no claro. Me dar é necessário mas gera tensão sair do não me do (u). Medo se me dou e medo se não me dou, um conflito com os seus opostos, gerando o encontro com as possibilidades. Num ir e vir com os movimentos (se dar/me dar e não se dar/me dar) em vários níveis, cada vez que se esbarra num pólo, o outro é percebido, possibilitando desfazer camadas de proteção criadas pela psique e criando possibilidades de entrega ao sair do conflito:

<b>M E</b>		<b>D O</b>	
	M E	D O	
			<b>S E</b>
	M E	D O (U)	
	M E	D O	
			<b>M E</b>
		D O (AR)	
			<b>D E</b>
<b>D A R</b>	M E		
	M E	D O	
			<b>(S) S E</b>
<b>N Ã O</b>			
	M E	D O (U)	

A pessoa quando chega para a terapia possui uma maneira de ser que pode não ser real mas é a sua. Ela possui todo um continente e por pior que esteja se sentindo é o único jeito que conhece, é como se dissesse: “É assim que eu sei ser; preciso mudar, mas mudar implica não ser mais o que eu sou, como eu sou. Não ser mais o que eu sou? Isso gera conflito e, se integrado, permeia a transformação.

Como coloca uma outra professora ao ouvir *Como fazer sonhos*:  
*por isto eu gostei da parte de mexer nos guardados. Re - mexer vai encontrar coisas agradáveis e desagradáveis. Mas tem que saber remexer.* É um convite para se lembrar de algo, mesmo que não se lembre diante do outro, através do encontro com o outro irá buscar algo que está lá, em si, esquecido.

Propiciar o encontro seria receber o outro de olhos e de braços abertos, para isto é necessário que o terapeuta também tenha feito esta passagem, indo de encontro com a sua própria energia, resgatá-la, se organizar, se adequar, se fortalecer para fazer a passagem na íntegra, com amor, tornando-se íntimo de si mesmo, primeiramente. Assim poderá receber o outro, sentindo a necessidade de inter-relação, *conversar com os olhos e a boca do coração*. Do contrário a necessidade de aproximação resultará em distância, *sem nenhum pedaço de amor*, dois solitários fazendo companhia um para o outro, sem solidez na relação.

Para receber o outro é preciso se abrir em silêncio, com



***O som tocando o silêncio,  
o silêncio calando, ouvindo.  
Dando espaço para o som  
que também se calou,  
hora de o silêncio se pronunciar.***

A tarefa do terapeuta é, contendo muitos Outros em si, permanecer em silêncio, até que se pronuncie, dando espaço para o silêncio do outro, ouvindo. Recebendo o outro com o ritmo, e a cadência de sua história, permitindo que o outro do paciente penetre em nós, terapeutas, deixando que se apresente; aqui a permissão é o calar-se, para o silêncio se pronunciar.

Certa feita, um paciente me presenteou com o seguinte poema, que ao meu ver ilustra o que cito acima:

***Fácil de ver, difícil de conhecer,  
gestos medidos quase sem se mover.  
Atrás dos vidros já te diviso,  
Sei que é preciso me desesconder.  
Figura esguia sobre um sofá,  
a cada palavra,  
Fábia, sábia, pensa, pausa, fala.  
Nada perde ou deixa passar.  
Olhos negros, da cor do breu,  
a me fitar, fixos nos meus.  
Fábia, sábia, pensa, pausa, fala ...  
após me escutar.***

Ouvir é uma atitude próxima da prece, como num hino de cantochão, gregoriano, em que as notas sobem e descem na escala musical, saindo de um nível e atingindo outro, indo para os altos ou sendo atingido por eles. Um silêncio ativo, perdendo a intenção volitiva do ego, e

registrando obviamente o que se passa. Para tal é necessário separar a consciência do ego, isto é, ir sentindo, percebendo sem julgamento, sem avaliação, desenvolvendo uma consciência receptiva através do ouvido, como um ventre recebendo uma semente nova a ser germinada, construindo a história e gestando a criação.

O silêncio nos propicia *ouvir* as emoções, através delas temos a percepção de não mais estarmos sozinhos em nosso interior; *escute tranqüilamente* e será atingido.

Como nos revela uma outra professora ao ouvir *Como fazer sonhos*. *Enquanto ouvia, com as falas, as entonações, escutando o outro, eu fui tendo outras idéias e pensando o que disse também é parte minha, ora desejando também ter passado por isto, mesmo sabendo que isto é parte do outro. Transforma o leitor em ouvinte, eu poderia esquecer o papel para ouvi-la, eu não precisava mais acompanhar o texto, só queria ouvir. Tem passagens que me chamam para ouvir mais. Uma delas é **Triste eu? Venha cá (...)** e quando está re - mexendo nos guardados, nas arcas ... vai me empolgando, dá vontade de acompanhar, entrar mais nas história, saber o que vai acontecer.*

Estar presente propicia a relação, como me presenteou certa vez uma paciente com a seguinte colocação:

***É gozado isso,  
a gente vem aqui,  
proseia,  
e fica melhor.***

**Como é que pode,  
duas pessoas conversarem e  
a gente mudar?**

**Eu gosto quando você fala alguma coisa,  
às vezes não entendo na hora. Mas aquilo fica,  
vai entrando lá dentro das minhas coisas  
e depois eu mudo.**

**Às vezes sonho e  
Já mudei.**

Afirmações de uma Paciente, 1985.

É justamente esta prosa que nos solicita estar numa relação cliente-amorosa-terapeuta e vice-versa. Através de uma outra pessoa o cliente se vê falando de si, descobre-se ser amado e poder ser amado. Então se desenvolve, como nas afirmações acima da Paciente; aparentemente uma estranheza mas ao mesmo tempo firma-se um acordo de cumplicidade. Dir-se-ia uma convivência<sup>9</sup> positiva. Por não querer ver, o paciente fecha os olhos, mas com o terapeuta como companheiro<sup>10</sup>, vê. É a permissão para que ambos interiorizem, vejam a cada um dentro de si e se vejam, um ao outro.

Barthes (1995) assim nos apresenta:

*Aquele/aquela com quem posso falar do ser amado, é aquele/aquela que o ama tanto quanto eu, como eu: meu simétrico, meu rival, meu concorrente.* (p. 54.)

O Autor parece situar a condição do terapeuta em poder acompanhar o ser aonde ele precisar ir, amando ou odiando, até

<sup>9</sup> Convivência vem do verbo latino *convivere*, significa fechar, empregado para fechar as pálpebras, cerrar os olhos.

<sup>10</sup> Companheiro, com + *panis*, aquele que come junto o pão.

encontrar o ser amado dentro de si. Comentar com o outro, com quem entende do assunto: ir em busca de si mesmo, produz um sentimento de ser pertinente a, de existir, um gozo de inclusão, em que tudo o que o outro trazer permanece interior ao discurso dual e protegido por ele. A conversa acima citada pela Cliente, a princípio se dá por duas pessoas (cliente e terapeuta) sobre um ausente (um ser que será integrado dentro de si mesmo), com dois pares de olhos, a quatro olhos e a quatro mãos, quatro pessoas. O eu do cliente presente mais o ausente somados ao eu do terapeuta atuante e passivo, se não ausente. Se bem integradas formarão, pelo quaternião<sup>11</sup>, a quaternidade, uma totalidade.

A princípio um reflete o que o outro é, transferindo, e constituindo a natureza do ser, através da entrega na relação, onde se descobrem possibilidades: de ser feliz e de ser infeliz, de ficar magoado, de ficar inquieto, de amar e de odiar, de querer ir embora e de querer ficar e o que mais for descoberto.

O que torna nobre esta relação é o fato de muitas vezes o cliente necessitar de que o seu rival, aquele que despreza em si, se transforme em seu aliado. O terapeuta não deve se aproveitar desta confiança para reforçar sua posição, dizendo que o outro é mau e ele bom, se aliando ao rival do paciente e se tornando concorrente nesta relação: paciente/rival + analista/rival. Contratransferencialmente teremos rival/rival parafraseando e não indo buscar o ponto de transformação. É necessário prudência para não ocupar o mesmo lugar do paciente e passar a

---

<sup>11</sup> Bálamo de quatro elementos.

desprezá-lo, a não o amar, pois o terapeuta também não pode amar determinado aspecto em si. Aproveita da relação para confrontar necessidades pessoais. Como pode acontecer também com o que o terapeuta tem para ser amado em si e não o faz. Ao ver um aspecto apreciável no outro, vai em busca de valorizá-lo tanto, sem trabalhar na realidade do paciente, para que este veja o seu significado. Acaba potencializando determinado aspecto no paciente, sem propiciar uma integração, para posterior transformação. O paciente fica com uma parte alienada em si e o terapeuta reforça por contraste sua própria carência, vivendo o positivo através do outro, reforçando o que não possui e vivendo através do outro.

O terapeuta deve cuidar para não se instalar sozinho nesta relação. Se o paciente traz um dado da realidade da sua estrutura psíquica e o terapeuta se sente lisonjeado, por achar que ele é que propiciou isto, pode ocorrer uma auto-apreciação que o distancia do conteúdo a ser trabalhado no paciente : a relação não se dá. Por sua vez o cliente fica perifrasedando, girando em torno de si mesmo, como numa porta giratória: entrando e saindo e retornando ao mesmo aspecto. Portanto terapeuta e cliente podem estar ausentes nesta relação. Numa relação terapêutica, quando isto se instala, é sinal de que o terapeuta não se colocou presente e suscitou no outro uma distância, colocando-o ainda mais à margem de si mesmo.

Num processo terapêutico pode acontecer que o cliente se resguarde para que não mexam em sua ferida. Pode ser também que

invoque o terapeuta para que se instale como uma mãe, que vem resgatar o filho do brilho mundano. Entretanto nenhuma destas posturas o resgata, não lhe devolvem a intimidade, a fé, a crença pessoal, a gravidade, o centro, o estar no mundo, dançando e recriando-o.

Muitas vezes comete-se um grande e danoso engano, tanto o cliente quanto o terapeuta o fazem: não tocar em um determinado sentimento e/ou ferida por achar que vai doer mais ou fazer um estrago maior. Por invariáveis vezes o paciente nos traz esta dor e pede que seja poupado, mas aqui poupá-lo é mantê-lo preso à ferida, à angústia, ao aniquilamento, ao não-existir para tentar suprir a dor, é neste ponto que se corre o risco de ficar perifrasedando. Entretanto é aqui que se faz necessário dizer ao paciente que o medo de não possuir amor por si próprio ou pelo outro, de perder ou de se perder, que o seu maior temor, o de se aniquilar, *já aconteceu*. É preciso que alguém lhe diga: *Não fique com medo de sofrer, você já sofreu*.

Quando não se revela a ferida do outro, imagina-se poupá-lo do sofrimento ao consentir que ele se ausente do contato com a dor, para não feri-lo. Deste modo só se consegue que ele sofra, pois assim encontra-se diminuído, reduzido e como que excluído do sentimento que o acompanha. Deste modo apenas se mantém o desejo do terapeuta, contratransferencialmente, em não vê-lo sofrer e/ou vê-lo diminuído. Comportando-se assim, o terapeuta fez de seu cliente um agente, produto da anulação imposta e motivo de exaltação pois abandonaria o outro e pensaria em sua causa. Usando o outro como pretexto para existir

e achar que está tendo uma atitude amorosa, entretanto faz do outro algo a ser diminuído.

Ao escutar, deixando penetrar-se, captará o que lhe é trazido. Ao devolver para o paciente, se isto lhe fizer sentido, irá tocá-lo e revelar a essência já sabida, desfazendo barreiras e complexos, resgatando o seu eu. O terapeuta, ao se abrir para receber o outro, necessita ter confiança de que vai suportar, de que vai poder descer às feridas mais sangrentas e, como um cão, ajudá-lo a lambê-la para cicatrizar. Se não o puder fazer, vai forjar, dar outra forma, constranger, obrigar pela força, arrumar estratégias para se relacionar, domando o ferro à força. Numa relação direta, verdadeira, não se coloca nenhuma intenção para o outro, é necessário receber o que lhe trazem, tendo como informação a pessoa e sua realidade e não o que se quer. Parta-se do princípio de que não se sabe qual a flor que irá brotar.

O outro que amo e que me fascina é *atopos*<sup>12</sup>. Não se pode classificá-lo, pois ele é precisamente o Único, a Imagem singular que veio milagrosamente responder à especialidade do desejo do terapeuta. (Nietzsche *in* Barthes, 1995) Assim, é preciso ver o outro diante de si, como o Único, diferente, mas com algo semelhante do analista, figura da realidade, verdade a ser revelada diante do terapeuta. Para tal não se pode estar forjando, nem dando formas, nem estar preso a padrões e estereótipos que são as verdades dos outros. Deve-se estar em contato com a própria verdade daquele outro ali a nossa frente.

Para que o outro não se sinta solitário, o analista não pode forjar, criando situações. Como no mito (Mitologia, 1973) de Hefestos (Vulcano), Deus da Forja, o filho da solidão:

*Hera enciumada com a infidelidade de Zeus, sentindo-se abandonada, gera um filho sem a sua participação. Desejando um filho lindo e perfeito, dá a luz o filho de sua solidão: Hefestos, um menino feio, disforme, coxo. Envergonhada, atira-o no mar, do alto do Olimpo, por desejar a perfeição e não suportar conviver com a deformidade. Hefestos se salva e mais tarde transforma-se em deus do fogo. Cria adornos e instrumentos úteis aos deuses e aos homens, mas também passa a usar a sua criatividade para forjar situações de vinganças, armadilhas para as pessoas que o traíam ou não o aceitavam. (p. 61s.)*

Andando de olhos abertos pela escuridão e agradecendo as cenas reais ou as fantasiosas, sejam elas quais forem, monstruosas, demoníacas, saborosas, encrespadas... só assim se saberá qual é a verdade e será possível se relacionar com ela. Isto equívale a construir um alicerce. Com a companhia do terapeuta será reconhecida a obra de arte, única a ser restaurada: a própria história.

Como nas lendas, o tipo de herói a ser encontrado será o da criança divina, que é o lado inocente, *tofo*. É o lado que comete erros e mais erros, fazendo repetir situações para que se possa ir ao encontro do próprio tesouro perdido, guiado por um conhecimento instintivo, conectando-se com o Self. O paciente irá rever situações difíceis, perdas,

---

<sup>12</sup> Qualificação dada a Sócrates por seus interlocutores, quer dizer, inclassificável, de uma



angústias; o terapeuta precisa ser depositário do que ele traz, recebendo muitas mágoas e raivas projetadas, ativando o seu próprio inconsciente. O paciente ao revisitar o seu próprio mundo sombrio irá entrar em contato com aspectos destrutivos, que o impedem de encontrar seu tesouro. Inconscientemente ativará o mesmo movimento no terapeuta, que ao invés de penetrar no mundo sombrio e o favorecer na busca, poderá numa relação contratransferencial virar seu companheiro, ir junto com ele, sem buscar o tesouro. É necessário cuidado para o terapeuta não virar mais um obstáculo na busca do tesouro.

O'Kane (1999) nos fala daquele que vai em busca do tesouro:

*O herói tem uma atitude confiante frente ao destino, crê que tudo o que lhe acontece nunca é inteiramente negativo, tudo é feito para colocá-lo dentro dos reinos do pólo positivo do Self e do arquétipo da criança divina. (p 138.)*

O arquétipo, com o seu caráter numinoso, envolve a essência do ser e o guia, mas com o desenvolvimento da estrutura psíquica os complexos desviam seus caminhos. É necessário resgatar a criança instintiva, e resgatar seus poderes, através do encontro com o mal, o lado sombrio, os aspectos negativos, e ir além dele. A criança *sabe*, o contato com a energia arquetípica e a sabedoria instintiva permitem que a criança reconcilie as forças conscientes e inconscientes e se mantenha em contato com a luz e com a escuridão. Estando com o caminho impedido para o encontro do Self, o paciente escolhe a companhia de um terapeuta para reencontrar sua vitalidade e superar a sua morte, ou de

alguma parte sua, ao ser integrada. E se o terapeuta não estiver de posse de sua vitalidade? Irá forjar, não irá até a flor já sabida.

Segundo Jung (*apud* O’Kane, 1999), esse arquétipo tem diferentes aspectos:

*Um surpreendente paradoxo em todos os mitos relacionados à criança é que a “criança”, por um lado, é entregue indefesa aos poderes de inimigos terríveis e corre constante perigo de extinção, enquanto, por outro lado, possui poderes muito maiores do que aqueles da humanidade comum. (...) A “criança” nasce do útero do inconsciente, gerada pelas profundezas da natureza humana, ou melhor, pela própria Natureza viva. Ela é a personificação de forças vitais muito além do âmbito limitado da nossa mente consciente; de caminhos e possibilidades dos quais nossa unilateral mente consciente nada sabe; de uma totalidade que abraça as próprias profundezas da Natureza. (p. 138.)*

Para que a relação de transferência - contratransferência favoreça a busca do tesouro perdido, através do material simbólico revelando o arquétipo da criação, o analista precisa crer abertamente e *ingenuamente* que tudo é possível e, se valer dos elementos irracionais, instintivos, emocionais, de coração aberto. Caindo por terra que o tolo não traz valores, através dele se chegará ao tesouro. Se for julgado como tolo e, portanto, forem desqualificados seus valores, a atuação será contratransferencial, mantendo o destrutivo tanto no próprio analista como no paciente. Os valores continuarão enterrados no mundo sombrio e as “onças precisarão ser caçadas”. Como foi analisado no capítulo *Como fazer sonhos*.

O processo transferencial é para criar vaso terapêutico, um lugar de abrigo.<sup>13</sup> Encontrar um mitologema, um lugar onde foi bom, um núcleo arquetípico, um lugar saudoso, resgatar o lugar de origem, como a perda do paraíso; ampliar para encontrar um núcleo do coletivo, como a criança interior ou divina dos contos de fadas; fazer uma ponte com o hoje e com o passado, transpondo o passado e o presente. Uma mulher certa vez chegou dizendo que ia contar um sonho real: voltar para a sua cidade de origem, local onde nasceu, que não visitava há quarenta anos. Lá era o lugar onde nasceu, primeira filha de um casamento indesejado, pois o pai não era o protótipo do masculino promissor. Até por volta de seus nove anos não havia sido conhecida, nem validada pela avó materna. A primeira coisa que sente é prazer de ver as placas dos carros, todas iguais: tem mais gente que é do mesmo lugar. Depois vai ver a casa da avó, mas não entra. Ainda não pode entrar, o local fora internalizado como sendo um lugar onde parecia que as pessoas eram más e o mundo ficou ruim, infreqüentável. Relaciona a ida até sua cidade de origem com um sonho em que tem uma casa onde não pode entrar num compartimento. Foi buscá-lo, no mundo real, volta ao passado, vai até a cidade, se vê pertencente ao coletivo desta e sai da defesa, cria possibilidades de abrir mais portas. Ao se sentir pertinente, deixa transparecer um ar de satisfação, diz que vai voltar mais e buscar mais.

Entrar de coração aberto é o mesmo que se entregar, o que quer dizer: libertar-se para receber o que for. O ego precisa renunciar à sua supremacia e, com humildade, parar de controlar aspectos que julga não

---

<sup>13</sup> Abrigar é resguardar do rigor do tempo, de dano ou perigo.

querer viver ou evitar, o que lhe gera sofrimento, pois a natureza transcendente do Self solicitará do ego um sacrifício, se puder ceder será um *sacro ofício*. Isto não quer dizer que esteja tudo resolvido e apaziguado, mas sim que não será mais uma forja e se dará o início de uma caminhada para a busca da flor já sabida.

Esta tensão do inconsciente/consciente ou do ego/self, para Jung (1999), pode encontrar duas maneiras de se estabelecer:

1. *Eu renuncio à minha exigência, levando em conta um princípio moral geral. (...) Nesse caso, o “self” coincide com a opinião pública e o código moral. (...) ele é projetado no ambiente e, portanto, permanece inconsciente como um fator autônomo.*
2. *Eu renuncio à minha exigência porque me sinto impelido a fazê-lo por dolorosas razões interiores que não estão claras para mim. Essas razões não me oferecem nenhuma satisfação moral específica; pelo contrário, sinto alguma resistência a elas. (...) Aqui o self é integrado; ele é recuperado da projeção e torna-se perceptível como um fator psíquico determinante. (p. 149.)*

Essas duas maneiras de renunciar à nossa exigência egoísta revelam não só uma diferença de atitude, mas também uma diferença de situação. No primeiro caso, a situação não precisa me afetar direta e pessoalmente; no segundo, a dádiva não precisa necessariamente ser uma dádiva muito pessoal que afeta seriamente o doador e o força a superar-se a si mesmo.

O ego constantemente aloca valores, pois se percebe em pares de opostos, tais como bem/mal, amor/ódio, vida/morte. Assim ele se aprisiona, ao querer controlar um extremo oposto que julgue interessante

para si, geralmente negando o outro; necessitando se libertar de valores morais e encontrar um lugar no cosmos.

Entretanto o arquétipo da criança ou do tolo se caracteriza por possuir ambos os pólos do Self sem que o ego tenha que fazer escolhas. Estar nesta possibilidade significa aceitar que os extremos da luz e da escuridão estejam simultaneamente presentes. Não separando em opostos, mas somando a vivência de ambos e lhes atribuindo importância.

Trabalhar para que se constele a integração dos pólos, significa favorecer que a psique se torne mais capaz de confrontar o todo, a dicotomia ou a repressão, enfrentando o que julgava negativo, fazendo um encontro do ego com o Self, do consciente com o inconsciente.

É esta a *tarefa do analista*, favorecer uma jornada aos aspectos que o ego considera negativos, ao nível arquetípico, para o encontro entre a realidade atual e a consciência, para que apreenda e torne possível este relacionar-se.

O coletivo solicita que sejamos felizes e que refutemos aquilo que foge dos padrões e não traga aparente felicidade. Não houve um aprendizado desde a origem do paraíso, onde o ser foi dividido em bem e mal, certo e errado, favorecendo o encontro com o lado obscuro do ser. Portanto o paciente tende a não apresentá-lo ao terapeuta, querendo estabelecer padrões positivos também diante deste, para mostrar que é capaz de ser feliz. Quebrar esses padrões faz parte da tarefa do

terapeuta,. Para tanto é necessário que o analista também suporte esta entrega, pois pode aprisionar tanto o paciente como a si próprio.

Como nos diz Hillman (1993):

*A terapia psicológica é menos uma superação e um livrar-se, do que uma decadência, uma decomposição do modo como estamos compostos. Os alquimistas chamaram a isto putrefácio, o lento processo de transformação através da aflição, perda e horror moral. Tanto o heróico livrar-se quanto o passivo entregar-se tentam acelerar a decadência e não se interessar mais por ela. Evitam o trabalho da realidade psíquica através da fuga para a salvação espiritual. Mas a cura é a decadência.(p. 86.)*

Favorecer ao paciente o encontro com a criança interior é diferente de mantê-lo na realidade psíquica infantilizada, pois esta última cria dependências e regressões nada criativas. O analista que mantém a sua realidade psíquica na sua forma infantil pode se confundir e favorecer o mesmo no paciente, não permitindo o encontro com o *toló*, o simples, não permitindo um contato direto com o inconsciente e a sua relação com a consciência, mantendo o paciente regredido e colaborando para a criação de defesas, mantendo padrões sem isto significar crescimento, desenvolvimento. Poderá também abafá-lo, não permitindo que se expresse, manter-se contratransferencialmente numa postura simbiótica de mãe aprisionadora, e não libertadora, que o acompanha na transcendência e conta com algo a mais que a racionalidade consciente.

Amélia, é uma moça no último ano de faculdade, veio para a terapia trazida pela mãe, tem vinte anos. A mãe e ela dizem que não

querem essa faculdade, mas não sabem qual querem. Ela estuda numa cidade distante e só pode vir à sessão quinzenalmente. Está no início do processo, mais ou menos em sua oitava sessão. A sessão a ser marcada cairia num feriado, num sábado. Pergunto se pode vir numa sexta às vinte e uma horas. Eu estaria trabalhando e ela teria que vir correndo, com risco de não chegar, pela distância e pelo trânsito do feriado. Diz temer não dar tempo, eu insisto em experimentar. Ela fala em sair mais cedo da cidade e chegar a tempo, se no meio do caminho não der, me avisa, mas vai tentar, quase prometendo chegar (o que depois vejo que não dependia só dela, mas de horários de ônibus, trânsito etc.). Quando fez esta promessa titubeante, eu insisti, *forjei* por achar que precisava se esforçar, se comprometendo com algo, ter atitude de adulta e ser mais ativa. Ela o fez, por mim ou por ela? No dia de sua consulta, estou à espera de outros pacientes que chegam de outras cidades, e começam a me avisar que o trânsito está ruim e não vão chegar a tempo. No meio disto a sua mãe aparece na sala de espera para acertar a última consulta. Comento o que está acontecendo com o trânsito, ela não sabia que a filha iria na consulta naquele dia. Eu peço para lhe avisar que estou trocando o seu horário para o dia seguinte. Faço isso alegando favorecer a paciente, pois chegaria atrasada e perderia a consulta.

No dia seguinte, chego e ela me sorri com um ar de felicidade sem graça. Eu a atendo e ela começa a falar que ficou assustada com a notícia, pois só falou com a mãe porque a procurou no trabalho. Teria chegado na consulta e não me encontraria. Mas também sorri e diz que,

realmente, eu tinha razão em achar que não daria, pois outras pessoas não chegaram. Ela é muito sutil e educada. Mas começa a me chegar uma mensagem ambígua, ela concorda comigo mas fala de um susto. Começo a rever o que fiz, e lhe faço ver que a tratei como a mãe, para protegê-la, mudei o horário, decidi por ela e nem a consultei. Ela confirma, dizendo que tinha combinado comigo que, se não desse, ligaria; pergunta se ela tinha entendido ao contrário. A partir daí, expressa sua mágoa e raiva, o que nunca pôde acontecer na sua vida. Está envolvida num complexo materno positivo aprisionante, inconscientemente ajo da mesma maneira, aprisionando-a também. Porque será que fiz isto com ela? Não acolho a sua criança interior, solicito que cresça. Quando cresce? Chegando no horário? Peço para retornar à infantilidade, tratando como débil, que não sabe fazer as coisas!!!!!!!!!!!!!!

Contratransferência que a paciente me mostra e vejo, quem ajuda quem, assim? Ela também forjou, entrando na minha veia contratransferencial? As duas atuaram, pensando estarem se relacionando, na verdade evidenciando a limitação do ser humano na forma de se relacionar consigo mesmo. Colocando o Outro como objeto de seus desejos, necessidades, medos e fantasias, projetando, com o outro tornando-se parte de si mesmo.

Pereira (1999) falando de transferência/contratransferência, coloca que:

*Na necessidade de fusão com o outro, ou seja a transferência/contratransferência, lidar com o relacionamento num contexto psicoterápico é a forma de aprendizagem que tanto*



*cliente como terapeuta possuem para estabelecer verdadeiras relações Eu-Outro. (p. 66.)*

É necessário que cada um penetre nos seus padrões inconscientes e na realidade psíquica do Outro.

## X. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

---

O que as pessoas realmente buscam é a sensação de estarem vivas no nível mais elevado que puderem atingir, próximo à experiência mística. A vida é uma aliada, assim o roteiro é favorável, se nos entregarmos às circunstâncias, criamos um elo maior com a vida. Baseando-me neste movimento, durante a feitura deste trabalho, buscando onde o analista atrapalha o paciente, encontrei: o analista que atrapalha é aquele que não age, não imprime os seus valores no mundo. Os valores devem ser impressos no mundo, numa práxis. A *praxe*, aquilo que se pratica habitualmente, deve ser exercitada diuturnamente, com ação sobre si mesmo e no mundo, com gestos impressos no mundo, vivendo o dia de hoje afetivamente, buscando o que não se fez e o que se fez, assim não é necessário forjar.

É necessário saber existir para ser, é necessário tomar conhecimento de si, com a existência se fazendo presente para se tornar conhecido. O objetivo da terapia e do desenvolvimento psíquico é a conscientização.

Na *práxis* terapêutica descobri que por inúmeras vezes determina-se uma forma para o outro ser. Numa visão linear escuta-se a

queixa fixando-se no lamento, sem penetrar na realidade. Fixando-se em um dos pólos que o paciente traz e se baseando nele, conduzindo o paciente por onde o terapeuta acha que pode ser interessante para o outro, determinando uma forma de ser, usando uma estratégia ou usurpando de uma técnica. Para o outro? Para o terapeuta. Assim descobre-se que atrapalha, ao invés de ajudar no processo de transformação, **forja, o analista interfere na flor já sabida**. Fui procurar o que fazia na relação, encontrei a forja. Fui procurar o que existe de flor em mim, encontrei *Como fazer sonhos*, na abordagem simbólica: a experiência. A partir daí deu-se o resgate da própria referência, a maneira de parar, de projetar no outro o que nego em mim, libertando paciente e terapeuta para a relação. Aceitando o húmus do outro sem misturar com o próprio. Aceitar o que vivemos cria possibilidades, transforma nossas atitudes.

A relação terapêutica é uma relação de amor genuína, é necessário amar a ferida que o outro traz, o medo da entrega leva a contratransferência, reação e não ação. A esta reação o paciente poderia te dizer:

***“Vou te mostrar a minha nudez,  
não me faça sentir vergonha”.***

Estar na própria referência não exclui o outro. O outro está sempre presente. Tudo o que se é e se faz, acontece na relação com o outro. Tudo o que se faz tem conseqüências dentro e fora de mim.

O paciente ao trazer algo seu, afeta o terapeuta, este último necessita estar de posse da própria referência para se relacionar com o apresentado, para não se excluir da relação ou para não excluir o outro. Quando o terapeuta sente algo que não se permite sentir, tenta eliminar do seu interior, não entrando em contato com o interno, procurando eliminar, se ausentando da relação, excluindo o outro. Receber o outro, amá-lo com tudo o que o outro possui é uma condição de liberdade. Para tanto é preciso aceitar e amar a si próprio para depois aceitar o outro. Assim se liberta da estrutura rígida, cristalizada, da visão linear, polarizada, não mais se dividindo ao meio, não mais dividindo o outro ao meio. Se recebermos o outro por inteiro, o outro será bom, trágico, nobre, pobre ... Se não, mais nos alienaremos de algumas coisas, tudo se revelará ao tom da realidade, dentro do processo. Se o que o outro tem é o que você quer, vá conquistar para permitir o mesmo para o outro. Retome o início da história e não se fixe no desejo do outro. Se tomou partido ou justificou, é sinal de que ficou aliado emocionalmente e vai tentar salvar o outro, levando sobras do que é do terapeuta para a relação. Veja em você primeiro, depois no outro. É necessário entrar na situação para depois sair dela.

É necessário aceitar tudo o que a vida nos dá, ler as vivências como possibilidades de nos experimentarmos, não ter nada fixo no trajeto feito com o paciente. Ao se surpreender, não se fixe, crie uma readaptação. O paciente chega numa falsa realidade, pois não discrimina. É importante discriminar o que é aparente do que é essencial. O

terapeuta deve tomar cuidado e discriminar o verdadeiro potencial do cliente, para acompanhá-lo até o resgate da sua própria realidade, sua essência. Quando o terapeuta quer ver como o cliente faz, acaba ficando à mercê deste, pois ajuda a aperfeiçoar o sistema de defesa. O terapeuta deve suportar, entrar no conteúdo trazido pelo paciente e suportar o vazio da relação, mantendo-se na própria referência, para propiciar o mesmo para o cliente. O terapeuta, quando não suporta o conteúdo que o paciente traz, reage contratransferencialmente, cria argumentos, explica, favorecendo que o paciente se atenha mais ainda ao conteúdo. É necessário sair do nível pessoal, não se ater aos pensamentos e argumentos, entrar num outro nível de consciência, não mais pessoal - egóica e sim universal - "sélfica".

É fundamental sair da projeção, não trabalhar em cima do conteúdo do outro e sim da realidade, sem se apegar a nenhum pólo, não manter o que o paciente demonstra como sendo força, pois pode ser o seu ponto de defesa. É necessário entrar em pontos que o paciente precisa ver. O terapeuta não pode se apegar a uma das partes, como já faz o paciente. Não se deve lutar com o que não aprecia, é necessário aceitar para unir, ir em busca de harmonia. Receber a defesa é um caminho para se chegar ao núcleo da estrutura do indivíduo. A defesa não é um convite para um duelo com o paciente, instigando a defesa do terapeuta e sim para acatar tudo o que o paciente traz, para posterior elaboração. O terapeuta deve deixar de ser reativo e mais ativo.

Revelar a verdade é não falar a partir dos desejos do ego, é resgatar o significado da alma, com os olhos da alma e o significado original (Eros) e não dar significados por palavras (Logos), reverberando meras repetições. Ver o original é se ater a natureza do espírito, considerá-la como verdade, diferente de atender os desejos do ego, que promove fugacidade. O inconsciente conhecido pode criar estratégias para saber, mas perde contato na relação. O inconsciente não conhecido, revelado, cria estratégias sem saber. Para se chegar à consciência autêntica, promove-se uma coniunctio, uma união de Logos e Eros, tomar conhecimento estando vinculado, em relação. Compreender pode ser aprisionante por fixar um aspecto se não se estabelece relação com tal aspecto, deixando a alma despida e o ser envergonhado, por não descobrir sentido para tal nudez. É necessário usar as funções: pensamento, sentimento, intuição e sentimento, para manter o foco na realidade, e não ficar só no sentimento ou nas elucubrações mentais.

O ego precisa se juntar a um movimento mais amplo, sair da projeção pessoal e vivificar um encontro com a imagem interna do eu, imagem arquetípica portadora da expressão simbólica da experiência egóica. A ordem para vivenciar a experiência é trazida da psique para o ego, permitindo que o processo apareça. Portanto não se pode fazer a eleição de um elemento incorporado, é fundamental ouvir o que o outro traz e não focar no que o terapeuta acha importante. Seguindo o movimento do paciente, este movimento capta uma nova ordem, o

importante é estar em relação, gerar movimento e não se fixar nos elementos.

Definir respostas, é uma maneira de não se deparar com o conteúdo do paciente, com o terapeuta se protegendo do contato com tais conteúdos e favorecendo que o cliente se afaste da realidade. Dizer ao paciente frases como: *Você não é resolvida. Este complexo está autônomo demais. Isto é defesa maníaca ...* é usar chavões da psicologia na terapia. É enquadrar o paciente em aspectos que determinou para ele, não é favorecer a integração de elementos e sim de defesa. É manter o paciente doente: assim ele é tolo e o terapeuta o sábio!? Terapeutas se acham brilhantes assim, sem ver o que o paciente precisa, sem favorecer a discriminação do próprio paciente, tachando.

O terapeuta deve verificar se está falando para o cliente ou para ele mesmo, perguntas curiosas do tipo: *Você acha que estou te ajudando?* Está a serviço do cliente ou do terapeuta? O terapeuta deve observar no processo e na realidade que o cliente apresenta, qual a validade no processo terapêutico. Solicitar que o cliente faça isto para o terapeuta é promover um domínio na relação por parte do cliente. Assim o terapeuta se ausenta da relação, o cliente se relaciona com ele mesmo. Mas não é para deixar de fazer isto que o cliente vem para a terapia?

Saber a história do paciente e não se relacionar com ela é permitir que o paciente fique à deriva na relação. O terapeuta atua, não se relaciona, sendo conivente com o paciente, traindo o propósito da terapia, relação que busca transformação. O paciente sabe que distorce a

própria realidade. Com o terapeuta sendo conivente, permite que o paciente o manipule. O terapeuta atua com a própria realidade, e não com a do paciente, acreditando conduzir o cliente.

O terapeuta não pode se apegar a um dos pólos do cliente, como por exemplo as atitudes heróicas deste. Assim potencializa um fator e não pode encontrar outros aspectos, forja para que o cliente atue como herói. O terapeuta deve acompanhar o outro, para que este busque o que já é.

Formas, estratégias, técnicas não são maneiras de se relacionar. Não propiciam a relação, a experiência; não liberam *Como fazer sonhos*. Para isto o terapeuta deve ter a sua própria referência, ter alçado seus sonhos, sua busca pessoal e não se buscar através do outro. Deve decidir qual a sua própria postura, a sua forma de agir diante do paciente deve estar estabelecida. Verificar o que está fazendo no atendimento, se conscientizar do próprio movimento, trabalhar para ver o que o paciente quer, iniciá-lo e acompanhá-lo na transformação, na relação e não pela técnica, não domando com a mão de ferro a flor, mas sim resgatando a flor já sabida; a busca da autenticidade.

A criatividade e a naturalidade são características básicas do mundo invisível, construindo sonhos e realizando no mundo visível. A transferência e a contratransferência tem a ver com a criatividade do inconsciente, com o inconsciente do terapeuta e do cliente interagindo; se na autenticidade, relacionando-se, construindo sonhos, tomando



consciência, construindo a personalidade. Todo este movimento possibilita reacender em nós o sentido existencial básico, a busca de si mesmo, o encontro com o outro.

O que quero deixar impresso como gesto amoroso, resultado da minha práxis:

***O vento leva a semente fértil para terras áridas.  
Num primeiro instante parece  
que a semente não vai encontrar seu solo.***

***Fui semeada com emoções  
dadas por homens e mulheres que nunca vira antes.  
Surpreendi-me com emoções  
brotando,  
escorrendo  
penetrando,  
consagrando.***

Fábia Rímoli, 1999.

Anexo.

## *COMO FAZER SONHOS.*

*Vem cá.  
Vamos tomar café  
e fazer sonhos.  
Um aquece  
e o outro  
leva a tristeza embora.*

*Eu a conheci há muito tempo,  
no tempo do eterno,  
no tempo de tornar eterno e terno  
o necessário para a sobrevivência.*

*Era, e sempre vai ser,  
uma fazedora de alimentos para viver;  
transformava  
sentimentos doloridos, tristezas, mágoas, melancolias, desilusões  
em bem querer a si mesmo  
e, assim, conseguir lutar pelo desejado.*

*- Vó, a senhora está triste?  
- Triste, eu? Vem cá, vamos tomar café e fazer sonhos.  
Um aquece  
e o outro leva a tristeza embora.*

*Quem não sonha não sabe o que quer.*

*Aí ela me contava os seus sonhos,  
vividos, não vividos, por viver.  
Assim me ensinava a sonhar  
e eu não estava mais triste.*

*Então, e só então, íamos ver a sorte.  
Na sorte não existiam sonhos,  
existiam possibilidades,  
impossibilidades,  
existia dor, morte, sorte, paixões, traições,  
namorados, querereres;  
decepções, intrigas, cuidados,  
amores desfeitos e refeitos...*

*Já não fazia mal ter tudo isso,  
as partes haviam se juntado,  
o que era veneno tinha virado alimento.*

*E com tudo isso lá ia eu,  
preenchida, vívida,  
me lembrando das histórias de possibilidades  
ali vividas,  
acreditando...*

*As histórias eram muitas,  
uma vez me ensinou a caçar o medo.*

*- Certa feita, a minha filha Adijalva fugiu,  
ela tinha que enfrentar o amor  
e teve medo.  
Então juntei as outras filhas e fomos atrás dela,  
pelo sertão do Mato Grosso,  
a cavalo,  
dias sem fim.  
A companhia era o amor que tinha me fugido  
e a vontade de encontrá-lo;  
o medo de perdê-lo afastava os outros medos:  
cobra, onça, sertão, mata, solidão, monstros,  
ausência de sonhos, desilusão,  
medo de perder e de me perder.*

*Foram dias andando atrás, sem parar,  
desmontamos  
e montamos acampamento,  
uma fogueira para aquecer,  
para afugentar medos de fora.  
Mas ninguém se esquentou bastante  
e apareceu uma onça.  
Não tive dúvida:  
- Ou eu ou a onça.  
Matei e assei.  
Estava com fome, não com medo.  
(Aqui vinha  
a gargalhada de quem venceu.)*

*E depois,  
se você tem medo de onça,  
você precisa ir atrás,  
acabar com ela, se não ela acaba com você;  
comer um pedaço  
e provar que você acaba com ela  
para nunca mais ter medo dela.*

*E com isso eu aprendi que  
o medo é encantado e poderoso  
por isso ele assusta.  
Este foi o meu alimento.*

*Provar uma vez só não basta,  
é preciso saber mais.*

*Um dia alguém lhe disse que  
estava cheia de suas histórias  
e que ela se modificasse,  
parasse de ser o que era e  
se transformasse numa coisa só.*

*Então ela ficou muito triste,  
ser uma coisa só era não-viver,  
era ficar sem os seus alimentos.*

*Assim foi procurar um veneno  
que tinha reservado para esta situação,  
para o dia em que não pudesse mais se alimentar,  
porque ficar viva, sem viver  
o que ela era,  
não bastava para essa mulher.*

*E começou a remexer nos seus guardados  
nas malas antigas,  
em seu baú,  
buscava o seu veneno  
desesperadamente,  
no seu olhar ardia,  
jamais vista,  
a dor que não podia suportar:  
não poder ser o que era.*

*Quem passou a vida  
procurando alimentos para venenos,  
achou um alimento antigo,  
que tinha cultivado a vida toda.  
Um alimento especial,  
criado por ela mesma, para ela mesma.  
De dentro de uma mala escura, empoeirada,  
tirou um vidro nada empoeirado.  
Vidro pequeno,  
dentro reluzia um pó,  
negro-brilhante, muito vivo.*

- Achei! Ah! Agora sim!  
Havia me esquecido,  
fazia tempo que não usava.

Venha ver, isto você precisa aprender.  
Você não vai acreditar no que vai ver  
mas vai ver e acreditar.  
Pegue essa lata embaixo da cama  
(a cama de ler sorte).  
A lata, velha, antiga, gasta  
e cheia de pedras,  
as pedras escuras não pareciam ter vida.  
Olhe bem para elas, veja como estão,  
vou dar alimento para elas.  
É necessário alimentar as pedras,  
senão elas morrem  
e você morre junto.

Então, como se soubesse  
que elas estavam há muito sem alimento,  
com expressão de quem sabe muito bem o que é  
isso.  
despejou o pó negro nas pedras  
(só um pouco, para sempre ter mais)  
e elas se mexeram.  
C r i a r a m   v i d a  
cresceram  
e, depois de crescidas,  
se posicionaram de outra forma  
e pareciam em paz.

Um dia eu tive um sonho,  
eu lhe pedia um pouco do seu pó  
pois agora sabia o que queria  
mas não sabia  
como conseguir o que queria.  
Ela me respondeu que  
eu poderia conseguir tudo o que quisesse  
mas o pó só eu, eu mesma, teria que conseguir.  
Então lhe pedi a possibilidade, a lata,  
e saí pela montanha, contente,  
acreditando,  
à procura do meu pó.

Um dia eu soube que tinha  
o pó, negro-brilhante,  
embora tivesse receio de usar e acabar.  
Sem lhe falar,  
ela soube que eu tinha conseguido.

*Aí eu quis o que ela sempre quis,  
ler a sorte, aprender.  
Então me disse que não precisava mais me ensinar:  
- Você já sabe.  
Quando quiser, comece.*

*Assim, resolveu descansar  
e foi ter com o seu pó.*

*Fui procurar a lata  
porque o pó, o dela, levou consigo.  
Queria cuidar da lata de pedras,  
mas esta também era sua,  
as pedras haviam morrido,  
a vida delas foi junto,  
a lata se enferrujara,  
estava desmanchando.*

*Fiquei muito triste,  
querendo que ela fosse eterna,  
então me lembrei:  
- Triste, eu?  
Venha tomar café  
e fazer sonhos.*

*Vó se dera o nome de Iracema,  
no batismo era Agda, Águida.*

Fábia Rímoli.

## BIBLIOGRAFIA.

- Barros, P. e Porchat, I. *Ser terapeuta: depoimentos*. Summus Editorial. São Paulo. 1985. 126 p.
- Barthes, R. *Fragmentos de um discurso amoroso* (1977). Tradução de Hortênsia dos Santos. Editora Francisco Alves. Rio de Janeiro. 1995. 200 p.
- Boechat, W. *Junguiana*, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, n<sup>o</sup> 2. São Paulo. 1984. 139 p.
- Byington, C. *Junguiana*, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, n<sup>o</sup> 1. São Paulo. 1983. 179 p.
- \_\_\_\_\_. *Junguiana*, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, n<sup>o</sup> 3. São Paulo. 1985. 124 p.
- Camões, L. *Obra Completa*. Editora Nova Aguilar. Rio de Janeiro. 1988. CIX +1029 p.
- Chevalier, J. e Gheerbrant, A. *Dicionário de Símbolos* (1982). Tradução de Vera Costa e Silva [et al]. José Olympio Editora. Rio de Janeiro. 1991. 996 p.
- Delumeau, J. *História do medo no Ocidente*. (1978) Tradução de Maria Lúcia Machado. Companhia das Letras, Editora. São Paulo. 1993. 471 p.
- Edinger, F. E. *A Criação da Consciência* (1984). Tradução de Vera Ribeiro. Editora Cultrix. São Paulo. 1999. 115 p.
- \_\_\_\_\_. *Anatomia da Psique* (1985). Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Editora Cultrix. São Paulo. 1995. 274 p.
- Estés, C. P. *O jardineiro que tinha fé* (1995). Tradução de Waldéa Barcellos. Editora Rocco. Rio de Janeiro. 1996. 84 p.
- \_\_\_\_\_. *O dom da história* (1983). Tradução de Waldéa Barcellos. Editora Rocco. Rio de Janeiro. 1998. 39 p.
- Gaiarsa, J. A. *O espelho mágico*. Summus Editorial. São Paulo. 1984. 24 p.
- Groesbeck, C. J. *Junguiana*, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, n<sup>o</sup> 1. São Paulo. 1983. 74 p.
- Hillman, J. *O Mito da Análise*. Tradução de Norma Telles. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1984. 275 p.

- \_\_\_\_\_. *Psicologia Arquetípica* (1983). Tradução de Lúcia Rosenberg e Gustavo Barcellos. Editora Cultrix. São Paulo. 1995. 125 p.
- \_\_\_\_\_. *Uma busca interior em psicologia e religião*. Tradução de Aracéli Martins Elman. Edições Paulinas. São Paulo. 1985. 136 p.
- \_\_\_\_\_. *Suicídio e Alma*. Tradução de Sonia Maria Caiuby Labate. Editora Vozes. Rio de Janeiro. 1993. 231 p.
- Hillman, J. e Ventura, M. *Cem anos de psicoterapia* (1992). Tradução de Norma Telles. Summus editorial. São Paulo. 1995. 223 p.
- Jacoby, M. *O encontro Analítico* (1984). Tradução de Cláudia Gerpe. Editora Cultrix. São Paulo. 1995. 139 p.
- Jung, C. G. *AB-Reação, Análise dos Sonhos, Transferência* (1971). Obras completas, vol. XVI/2. Tradução de Maria Luiza Appy Editora Vozes. Petrópolis. 1998. 219 p.
- \_\_\_\_\_. *A Prática da Psicoterapia* (1971). Obras completas, vol. XVI/1. Tradução de Maria Luiza Appy. Editora Vozes. Petrópolis. 1981. 128 p.
- \_\_\_\_\_. *Fundamentos de Psicologia Analítica* (1981). Obras completas vol. XVIII/1. Tradução de Araceli Elman. Editora Vozes. Petrópolis. 1998. 177 p.
- \_\_\_\_\_. *O eu e o Inconsciente* (1971). Obras completas vol. VII/2. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Editora Vozes. Petrópolis. 1982. 168 p.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia e Alquimia* (1975). Obras Completas vol. XII. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Editora Vozes. Petrópolis. 1994. 566 p.
- Kast, V. *A Dinâmica dos Símbolos* (1994). Tradução de Milton Camargo Mota. Edições Loyola. São Paulo. 1997. 219 p.
- Lima, M. Z. S. *Junguiana*, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, nº 3. São Paulo. 1991. 124 p.
- Mitologia, vol. I. Publicação semanal da Editora Abril Cultural. São Paulo. 1973. 272 p.
- Neumann, E. *História da Origem da Consciência* (1998). Tradução de Margit Martincic. Editora Cultrix. São Paulo. 1995. 323 p.
- Nichols, S. *Jung e o Tarô*. (1980) Tradução de Octávio Mendes Cajado. Editora Cultrix. São Paulo. 1995. 374 p.



- Novaes, A. *O Olhar*. Companhia das Letras, Editora. São Paulo. 1988. 495 p.
- O' Kane, F. *A sombra de Deus* (1994). Tradução de Merle Scoss. Editora Axis Mundi. São Paulo. 1999. 197 p.
- Pereira, M. R. G. *O Significado Psicológico da Polaridade Afetiva: O Mito de Eros*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo. 1982. 119 p.
- \_\_\_\_\_. *Um Espaço para a Individuação. O Masculino e o feminino como pontes à Unidade*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo. 1990. 334 p.
- \_\_\_\_\_. *Instrumentos e Método de Trabalho. Módulo I: Estudo dos arquétipos básicos da Psique*. PUC - COGEAE. São Paulo. 1998. 132 p.
- \_\_\_\_\_. *Instrumentos e Método de Trabalho. Módulo III: O desenvolvimento de uma metodologia em Psicologia Analítica*. PUC - COGEAE. São Paulo. 1999. 136 p.
- \_\_\_\_\_. *Instrumentos e Método de Trabalho. Módulo V: Estudos das questões práticas utilizando a metodologia simbólica*. PUC - COGEAE. São Paulo. 2000. 46 p.
- Pessoa, F. *O Eu Profundo e os Outros Eus*. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1980. 280 p.
- Porchat, I. *As psicoterapias Hoje*. Summus Editorial. São Paulo. 1982. 134 p.
- Ramos, D. [et al.]. *Os animais e a psique: do simbolismo à consciência*. Editora Palas Athena. São Paulo. 1999. 284 p.
- Rímoli, F. *Medo se medou, medo de medar, medo senão medou*. Monografia do curso de especialização em Gestalt. Sedes Sapientiae. São Paulo. 1984. 36 p.
- Steinberg, W. *Aspectos Clínicos da Terapia Junguiana* (1990). Tradução Pedro da Silva Dantas. Editora Cultrix. São Paulo. 1995. 171 p.
- Uyldert, M. *A Magia das Pedras Preciosas* (1972). Tradução Alberto Feltre. Editora Pensamento. São Paulo. 1993. 158 p.
- Whitmont, E. C. *A Busca do Símbolo* (1969). Tradução de Eliane Fittipaldi Pereira e kátia Maria Orberg. Editora Cultrix. São Paulo. 1995. 301 p.

## **SUMMARY.**

This work is fundamentally a lived theorist per curse, it pass through the transference of relationship, by the propitious space to receive the other and by the counter transference reaction.

Concrete facts, scenes of reality, images of the on going world are focused by the Analytic Psychology. Poems, song letters, stories with archetype symbols, issued by the Author - How to Make Dreams, affirm and amplify the Carl Gustav Jung Theory. Patients talks, listeners reports, and the self experience of the Author are also experimented in a symbolic reading.

All that in the search for the essence, transcending a unilateral and temporal vision to embrace the totality.

The transference and counter transference relationship is this work basement. The analyst is studied in front of the patient: the creative search of the patient essence and the conniving relationship establishment; the favor ability for the encounter with the essence itself and the loss of way following to the unencounter.